



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
BACHARELADO EM ADMINISTRAÇÃO**

GLADSON ANTONIO FINCO

**O COOPERATIVISMO COMO ESTRATÉGIA PARA O DESENVOLVIMENTO DA
AGRICULTURA FAMILIAR: UM ESTUDO NA COMUNIDADE RURAL
COLÔNIA CELLA DE CHAPECÓ/SC**

CHAPECÓ

2019

GLADSON ANTONIO FINCO

**O COOPERATIVISMO COMO ESTRATÉGIA PARA O DESENVOLVIMENTO DA
AGRICULTURA FAMILIAR: UM ESTUDO NA COMUNIDADE RURAL
COLÔNIA CELLA DE CHAPECÓ/SC**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado
como requisito para a obtenção do título de Bacharel em
Administração da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientadora: Prof.^a Dra. Enise Barth

CHAPECÓ

2019

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Finco, Gladson Antônio

O Cooperativismo como Estratégia para o
Desenvolvimento da Agricultura Familiar: um estudo na
Comunidade Rural Colônia Cella de Chapecó/SC / Gladson
Antônio Finco. -- 2019.

81 f.

Orientadora: Doutora Enise Barth.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Administração, Chapecó, SC , 2019.

1. Cooperativismo. 2. Agricultura Familiar. 3.
Desenvolvimento Sustentável. 4. Cooperativa
Agropecuária. 5. Cooperativa de Crédito. I. Barth,
Enise, orient. II. Universidade Federal da Fronteira
Sul. III. Título.

GLADSON ANTONIO FINCO

O cooperativismo como estratégia para o desenvolvimento da agricultura familiar: um estudo na comunidade rural Colônia Cella de Chapecó - SC

Trabalho de Conclusão do Curso de Administração apresentado como requisito para a obtenção de grau de Bacharelado em Administração da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS.

Orientador (a) Prof.(a) **ENISE BARTH** – UFFS

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca na data de:
26 de Junho de 2019.



ENISE BARTH – Doutora



JOÃO GUILHERME DAL BELO LEITE – Doutor



DARLAN CHRISTIANO KROTH – Doutor

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me fortalecer nesta caminhada na graduação de Bacharelado em Administração da UFFS. Por ter me concedido saúde, coragem e motivação para concluir este trabalho e por jamais ter me abandonado nos momentos difíceis. Nele depusitei minha fé, pois sei que ele não se afasta de seus filhos e me guiará pelo caminho da superação e do sucesso.

A meus pais Gilmar e Elenice, agradeço por todo o apoio, motivação e por ter me ensinado a respeitar, ter ética e ser honesto com as pessoas. A meu irmão Doglas, por sempre estar disposto a me ajudar e pelos exemplos de dedicação e persistência para conseguir chegar neste momento importante de minha vida. A família é o alicerce do que somos, por isso, agradeço a eles pela pessoa que sou hoje, feliz e repleto de oportunidades.

Agradeço a meus colegas que seguiram comigo nesta caminhada dedicada aos estudos. Aprendi com eles que acima de tudo, somos seres humanos, capazes de dialogar e constituir pensamentos construtivos e benéficos para ambos. Mesmo sendo colegas de profissão e futuros concorrentes, passei a acreditar em mecanismos que prezam pelo companheirismo e ajuda mútua, de modo que a relação ganha-ganha prevaleça entre as partes. É neste sentido de cooperação, apoio e união que os guardarei para sempre em minha vida.

Agradeço os professores, pelos ensinamentos compartilhados, pela paciência e tolerância com nós estudantes. Agradeço em especial a minha orientadora Profa. Dra. Enise Barth por guiar-me e possibilitar que este trabalho fosse desenvolvido. Sua participação e auxílio desencadeou em mim a compreensão de como realizar trabalho científico, agregando conhecimentos que ficarão guardados em minha mente para sempre.

Agradeço os moradores da comunidade rural de Colônia Cella envolvidos nesta pesquisa, pela atenção e preocupação em transmitirem informações relevantes para os propósitos do estudo. Por fim, agradeço a todos que contribuíram de alguma maneira para a realização deste trabalho.

A VOCÊS, MEU MUITO OBRIGADO!

“O próprio Senhor irá à sua frente e estará com você; ele nunca o deixará, nunca o abandonará. Não tenha medo! Não se desanime!”
(Deuteronômio 31:8)

“Querido Deus, graças Te dou por me ouvir, me guardar e por fazer de tudo para me ver sorrir!”
(Salmo 64)

RESUMO

O cooperativismo em sua essência é um sistema sólido que busca contribuir no processo de desenvolvimento econômico e social, baseando-se em valores de cooperação, ajuda mútua, solidariedade, equidade e democracia. Ele orienta-se por sete princípios que conduzem as pessoas a trabalharem em conjunto, de modo que ao final, todos sejam favorecidos. O cooperativismo organiza a sociedade coletivamente em prol de objetivos comuns, um exemplo disso é a agricultura familiar, visto que os princípios e valores são colocados em prática pelas famílias que trabalham no campo. As relações entre o cooperativismo e a agricultura familiar surgem por intermédio de instituições cooperativas, aproximando os preceitos e ideais a fim de beneficiar as pessoas que recorrem a ela. Neste sentido, este trabalho tem por objetivo principal analisar como o cooperativismo tem contribuído estrategicamente para o desenvolvimento da agricultura familiar na comunidade rural Colônia Cella de Chapecó/SC, na percepção dos agricultores familiares associados em cooperativa. A pesquisa é de abordagem qualitativa, classificada quanto aos fins como descritiva e aos meios, bibliográfica, documental e de campo. A coleta dos dados empíricos ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas e observação participante, visando compreender a percepção de 15 associados(as), sendo eles, agricultores, agricultoras e jovens sobre as contribuições do cooperativismo para o desenvolvimento da agricultura familiar local. Recorreu-se também a documentos fornecidos pelas Cooperativas; Prefeitura municipal de Chapecó/SC; Secretaria de desenvolvimento rural e meio ambiente de Chapecó/SC e da comunidade rural Colônia Cella. Os dados foram analisados utilizando a técnica de análise de conteúdo. Os resultados apontam que o cooperativismo influencia diretamente na vida dos agricultores familiares, com suas práticas de cooperação. Os princípios que sustentam o cooperativismo mantêm as relações entre cooperativa e associado, de modo a favorecer o desenvolvimento dos sócios com educação, treinamento, informação e cooperação entre cooperativas e comunidades. Denota-se que as cooperativas auxiliam na organização da comunidade, aproximando a agricultura familiar dos valores cooperativistas. Além disso, percebe-se que as cooperativas fornecem segurança, credibilidade, confiança e conhecimentos tecnológicos que são fundamentais para a manutenção e aprimoramento das atividades do campo. Para a comunidade rural Colônia Cella, o cooperativismo age estrategicamente na agricultura familiar, por meio do Desenvolvimento Sustentável, nas dimensões econômica, social, ambiental e cultural, proporcionando melhores condições de vida, qualificação e renda para aperfeiçoar as atividades do campo e movimentar o setor agrícola local. As cooperativas dos ramos agropecuário e de crédito predominam na comunidade estudada, proporcionando o desenvolvimento rural. O cooperativismo representou uma alternativa para a organização dos agricultores e ainda hoje, contribui para o desenvolvimento local.

Palavras-chave: Cooperativismo. Agricultura Familiar. Desenvolvimento Sustentável. Cooperativa Agropecuária. Cooperativa de Crédito.

ABSTRACT

Cooperativism in its essence is a solid system that seeks to contribute to the process of economic and social development based on values of cooperation, mutual aid, solidarity, equity and democracy. It is guided by seven principles that lead people to work together so that in the end everyone will be favored. Cooperativism organizes society collectively on behalf of common objectives, an example of this is Family farming, since principles and values are put into practice by families working in the field, the relations between cooperativism and family agriculture arise through cooperative institutions, approaching the precepts and ideals in order to benefit the people who resort to it. In this sense, this work has the main objective to analyze how the cooperativism has contributed strategically to the development. In this sense, this work has the main objective to analyze how the cooperativism has contributed strategically to the development of family farming in the rural community Cella de Chapecó / SC, in the perception of family farmers cooperative members. The research is qualitative approach classified for purposes as descriptive and means, bibliographic, documentary and field. The empirical data were collected through semi-structured interviews and participant observation, aiming to understand the perception of 15 associates (as), being, farmers and young people about the contributions of cooperativism for the development of local family farming. It was also documents provided by the Cooperatives; City Hall of Chapecó / SC; Secretary rural development and environment of Chapecó / SC and the rural community Colônia Cella. Data were analyzed using the content analysis technique. The results indicate that cooperativism directly influences the life of family farmers, with their cooperative practices. The principles that support cooperativism maintain the relations between cooperative and associate, in order to favor the development of the members with education, training, information and cooperation between cooperatives and communities. It is noted that cooperatives help in the organization of the community, approaching the family farming of cooperative values. In addition, it is perceived that cooperatives provide security, credibility, trust and technological knowledge that are fundamental to the maintenance and improvement of field activities. For the rural community Colônia Cella, cooperativism acts strategically in family farming, through the Sustainable Development in the economic, social, environmental and cultural dimensions, provided better living conditions, qualification and income to improve field activities and move the local agricultural sector. The cooperatives of the agricultural and credit branches predominate in the community studied, providing rural development. Cooperativism represented an alternative for the organization of farmers and, even today, contributes to local development.

Keywords: Cooperativism. Family Farming. Sustainable Development. Agricultural Cooperative. Credit Cooperative.

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| Quadro 1 – Princípios do Cooperativismo e suas Características | 31 |
| Quadro 2 – Ramos do Cooperativismo | 34 |
| Quadro 3 – Critérios para a Seleção de Agricultores Familiares Associados em Cooperativa | 38 |
| Quadro 4 – Perfil dos Sujeitos da Pesquisa | 39 |
| Quadro 5 – Organização Metodológica da Pesquisa | 40 |
| Quadro 6 – Cooperativas atuantes na Comunidade Rural Colônia Cella, Chapecó/SC | 54 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 – Mapa do Território da Comunidade Rural Colônia Cella | 37 |
| Figura 2 – Família de Luiz Cella – Primeiro Morador de Colônia Cella em 1923 | 45 |
| Figura 3 – Inauguração da Capela São Paulo – Colônia Cella em 1962 | 46 |
| Figura 4 – Mapa da Área Aproximada da Comunidade Rural Colônia Cella | 48 |
| Figura 5 – Centro Comunitário de Colônia Cella em 2019 | 49 |
| Figura 6 – Escola de Educação Básica Alécio Alexandre Cella em 2018 | 51 |
| Figura 7 – Tradição Italiana Preservada pela Comunidade Rural Colônia Cella | 52 |
| Figura 8 – Ata de Fundação da Cooperchapecó em 29 de outubro de 1967 | 58 |
| Figura 9 – Mapa Conceitual com as Evidências do Estudo | 71 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|----|
| Gráfico 1 – Número de Membros que Constituem as Famílias | 64 |
| Gráfico 2 – Dimensão Territorial em Hectares das Propriedades Rural | 64 |
| Gráfico 3 – Atividades Comerciais Produzidas na Agricultura Familiar | 65 |

LISTA DE SIGLAS

| | |
|--------|---|
| CMMAD | Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento |
| CNUDS | Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável |
| CONTAG | Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura |
| CPA's | Cooperativas de Produção Agrícola |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| MMA | Ministério do Meio Ambiente |
| OCB | Organização das Cooperativas Brasileiras |
| OCESC | Organização das Cooperativas do Estado de Santa Catarina |
| ONU | Organização das Nações Unidas |
| PNRA | Programa Nacional de Reforma Agrária |
| PRONAF | Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar |
| SC | Santa Catarina |
| SEBRAE | Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas |
| TCC | Trabalho de Conclusão de Curso |
| UFFS | Universidade Federal da Fronteira Sul |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 14 |
| 1.1. APRESENTAÇÃO DO TEMA E FORMULAÇÃO DO PROBLEMA | 14 |
| 1.2. OBJETIVOS..... | 16 |
| 1.2.1. Objetivo Geral | 16 |
| 1.2.2. Objetivos Específicos | 16 |
| 1.3. JUSTIFICATIVA | 16 |
| 1.4. ESTRUTURA DO TRABALHO | 18 |
| 2. REFERENCIAL TEÓRICO | 19 |
| 2.1. DESENVOLVIMENTO | 19 |
| 2.1.1. Desenvolvimento Sustentável | 19 |
| 2.1.2. Desenvolvimento Local | 22 |
| 2.1.3. Desenvolvimento Rural | 24 |
| 2.2. AGRICULTURA FAMILIAR: DEFINIÇÕES E CARACTERÍSTICAS | 26 |
| 2.3. COOPERATIVISMO: ORIGEM, CONCEITOS E PRINCÍPIOS | 29 |
| 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | 36 |
| 3.1. CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA | 36 |
| 3.2. UNIDADE DE ANÁLISE | 37 |
| 3.3. SUJEITOS DA PESQUISA | 38 |
| 3.4. COLETA DE DADOS..... | 40 |
| 3.5. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS | 41 |
| 3.6. TRAJETÓRIA DA PESQUISA | 43 |
| 4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS | 44 |
| 4.1. A COMUNIDADE RURAL COLÔNIA CELLA DE CHAPECÓ/SC..... | 44 |
| 4.1.1. Aspectos Históricos | 44 |
| 4.1.2. Aspectos Geográficos e Econômicos | 47 |
| 4.1.3. Aspectos Sociais | 50 |

| | |
|---|----|
| 4.1.4. Aspectos Culturais | 51 |
| 4.2. PRINCIPAIS COOPERATIVAS ATUANTES NA COMUNIDADE RURAL COLÔNIA CELLA | 54 |
| 4.2.1. A Cooperativa Central Aurora Alimentos | 56 |
| 4.2.2. A Cooperativa Agroindustrial Alfa - Cooperalfa | 57 |
| 4.2.3. A Cresol Central SC/RS | 59 |
| 4.2.4. O Sicoob MaxiCrédito | 61 |
| 4.2.5. A Sicredi Alto Uruguai RS/SC/MG | 62 |
| 4.3. O COOPERATIVISMO E O DESENVOLVIMENTO DA AGRICULTURA FAMILIAR | 63 |
| 4.3.1. Propriedade Rural e Agricultura Familiar | 63 |
| 4.3.2. Cooperativismo e Agricultura Familiar | 66 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 71 |
| REFERÊNCIAS | 75 |
| APÊNDICE | 80 |

1. INTRODUÇÃO

O estudo acerca do Cooperativismo e Agricultura Familiar inicia-se com esta introdução, na qual constam: tema, contextualização, delimitação do problema de pesquisa, os objetivos do estudo, justificativa e por fim, a estrutura do trabalho.

1.1. APRESENTAÇÃO DO TEMA E FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

O desenvolvimento sustentável de uma determinada região depende da conciliação dos processos e recursos disponíveis na sociedade, mantendo o equilíbrio ambiental, político e econômico da região. Em conformidade a isso, Milanez (2003, p. 76) afirma que “o desenvolvimento das sociedades satisfazem as necessidades e as aspirações humanas, assegurando a qualidade de vida da população e a preservação do meio ambiente”. Desta forma, compreender os processos que mobilizam as pessoas e instituições de uma localização específica faz com que oportunidades e melhores condições de vida favoreçam o desenvolvimento familiar e a potencialidade dos recursos locais. Além disso, buscar estratégias precisas e que auxiliem no desenvolvimento sustentável da região possibilita que haja progresso local, beneficiando os indivíduos pertencentes àquela localidade.

Para a constituição de uma determinada localidade, torna-se necessário caracterizar os grupos de pessoas que habitam no mesmo espaço territorial, onde possuam aspectos culturais, hábitos e costumes semelhantes. O desenvolvimento de uma localidade, conforme De Jesus (2003, p. 72) “trata do esforço concertado, isto é, são lideranças, instituições, empresas e habitantes de um determinado lugar que se articulam com vistas a encontrar atividades que favoreçam mudanças nas condições de produção e comercialização de bens e serviços”. Portanto, para que o desenvolvimento local atinja suas proporções, é necessário unir esforços em prol dos mesmos objetivos.

Um dos pilares importantes para a constituição de uma sociedade local desenvolvida é a presença da agricultura familiar em seu sistema econômico, social, cultural, político e ambiental. De acordo com Radin e Corazza (2018, p. 7) “a agricultura familiar é formada por pequenas propriedades rurais, em que os agricultores são os proprietários da terra e dos meios de trabalho, possuindo mão de obra e gestão das atividades familiares”. A Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG, 2018) considera a agricultura familiar como a responsável pelo desenvolvimento local com sustentabilidade econômica, social e

cultural. Cerca de 70% da produção de alimentos consumidos provém da agricultura familiar, sendo a responsável por garantir alimentos de qualidade na mesa dos brasileiros.

No Oeste Catarinense a agricultura familiar assume características peculiares. A estrutura agrária é formada por pequenas áreas, dentre estas, cerca de 95% das propriedades possuem menos de 50 hectares de terra. Aproximadamente 50% da população economicamente ativa da região trabalham em atividades agropecuárias (RADIN; CORAZZA, 2018, p. 10). Deste modo, percebe-se que o desenvolvimento da agricultura familiar esteve atrelado ao desenvolvimento local de instituições, agroindústrias e o comércio.

Em meio às dificuldades e obstáculos proporcionados pelo sistema capitalista, novas propostas surgem para o crescimento e desenvolvimento local. Dentre estas propostas, pode-se destacar o sistema cooperativista. A Organização das Cooperativas Brasileira (OCB, 2018) define cooperativismo como uma filosofia de vida que tem por objetivo transformar o mundo para torná-lo mais justo, equilibrado e com melhores oportunidades para as pessoas. Com a chegada deste sistema, o mesmo passa atuar de maneira estratégica no desenvolvimento da agricultura familiar, por meio de práticas, valores e princípios inovadores, satisfazendo e integrando as famílias em prol do bem de todos.

Schmidt e Perius (2003) sustentam a ideia que o cooperativismo orienta-se nas suas atividades de caráter social e econômico em um conjunto de valores, princípios e normas que devem balizar a atuação na economia e na sociedade, preservando as doutrinas cooperativistas, como a cooperação, ajuda mútua, solidariedade e gestão democrática. Portanto, buscar alternativas que visam os princípios e valores do cooperativismo é uma das maneiras de atuar estrategicamente no desenvolvimento da zona rural, integrando os recursos sociais e políticos sem comprometer o meio ambiente e os recursos das gerações futuras.

Recorrer a estratégias de cooperação vai além da conquista de ganhos financeiros e econômicos, pois atinge dimensões que englobam a autogestão, participação solidária e responsabilidade ambiental. Radin e Corazza (2018) enfatizam que o cooperativismo no Oeste Catarinense começa a se desenvolver a partir da agricultura familiar, por meio da colonização de povos provenientes do Rio Grande do Sul, que na década de 1920 trouxeram consigo o espírito de cooperação associativa e missioneira. A partir de 1967 surge à maioria das cooperativas existentes atualmente nesta região, possuindo diversas famílias associadas e integradas no sistema cooperativista. O cooperativismo transformou a agricultura familiar local e regional, saindo da produtividade individualista e conservadora para constituir uma sociedade de cooperação, solidária e humanista.

Frente ao exposto, o tema desta pesquisa refere-se ao **Cooperativismo como Estratégia para o Desenvolvimento da Agricultura Familiar**. A investigação delimita-se a Comunidade Rural Colônia Cella situada no município de Chapecó/SC.

Neste contexto a questão de pesquisa do presente estudo é: **De que forma o cooperativismo tem contribuído de maneira estratégica para o desenvolvimento da agricultura familiar na comunidade rural Colônia Cella de Chapecó/SC?**

1.2. OBJETIVOS

1.2.1. Objetivo Geral

Analisar como o cooperativismo tem contribuído estrategicamente para o desenvolvimento da agricultura familiar na comunidade rural Colônia Cella de Chapecó/SC.

1.2.2. Objetivos Específicos

- Caracterizar a comunidade rural Colônia Cella de Chapecó/SC;
- Identificar as principais cooperativas que atuam na comunidade rural Colônia Cella de Chapecó/SC;
- Descrever as percepções de agricultores familiares associados em cooperativas sobre as contribuições do cooperativismo para o desenvolvimento da agricultura familiar na comunidade rural Colônia Cella de Chapecó/SC.

1.3. JUSTIFICATIVA

O presente estudo se torna relevante pelo fato do cooperativismo ter sido um dos precursores do desenvolvimento da agricultura familiar do Oeste Catarinense. Seu sistema de cooperação favoreceu as famílias que há anos estavam desacreditadas e lutavam para sobreviver. Nos anos iniciais a colonização da região, a mão de obra era braçal e as famílias sofriam para produzir seus alimentos. Com o passar do tempo o cenário foi se transformando e, juntamente com a implantação de máquinas e equipamentos na produtividade agrícola, o cooperativismo modificou as propriedades rurais, auxiliando na gestão produtiva e financeira das propriedades rurais.

O tema em questão é essencial devido as suas dimensões no processo de desenvolvimento da região e da agricultura familiar. Em meio às fragilidades e as dificuldades em manter-se nas atividades agrícolas, oportuniza a criação de novos métodos de gestão destas atividades. Diante disso, através do agrupamento em cooperativas os agricultores passam a praticar os princípios e valores do cooperativismo, trabalhando de maneira solidária e integrada. A relevância em compreender os fundamentos do cooperativismo faz-se necessário para analisar suas contribuições para a vida das famílias.

A importância do estudo para a vida acadêmica se intensifica pelo fato de ir ao encontro dos objetivos do curso de Administração da Universidade Federal da Fronteira Sul – campus Chapecó/SC, que possui como ênfase a formação de pequenos empreendimentos e o cooperativismo. Visando à formação de profissionais com capacidade analítica, o curso possibilita também desenvolver habilidades e atitudes inovadoras, empreendedoras e comprometidas com os processos de cooperação e desenvolvimento da região.

Ao discente o assunto oportuniza associar os conceitos teóricos adquiridos em sala de aula com a própria comunidade em que está inserido. Além disso, a motivação pessoal para o desenvolvimento deste estudo deve-se ao fato de pertencer à família que atua na agricultura, acreditando nas alternativas e estratégias do cooperativismo para manter-se nas atividades agrícolas. Com a realização desta pesquisa, busca-se contribuir de alguma forma na vida social, comunitária e acadêmica. Estudos anteriores realizados por acadêmicos da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) enfatizam temáticas direcionadas ao cooperativismo e agricultura familiar, como por exemplo, os estudos de Bieseck (2017) e Bilini (2014). Entretanto, a ampla dimensão desta área de pesquisa permite que novos estudos sejam desenvolvidos.

Quanto aos benefícios para as cooperativas, Del Grande (2014) afirma que a força da cooperativa mostra a possibilidade de construir uma sociedade com melhor distribuição de renda, contribuindo para uma melhor justiça social. Assim, este estudo é valioso para as cooperativas, pois permite que elas tenham acesso às percepções dos membros associados quanto aos benefícios do cooperativismo para o desenvolvimento da agricultura familiar.

Considerando a definição de associativismo, Albuquerque (2003) apresenta como sendo um conjunto de práticas sociais datadas e localizadas que propõe a cooperação entre as pessoas, na pluralidade e no respeito mútuo. Desta forma, a pesquisa é importante também para as famílias associadas em cooperativas que habitam em comunidade e praticam o cooperativismo. Neste caso, o estudo na comunidade rural Colônia Cella, possibilita que as famílias tragam suas opiniões acerca da importância do cooperativismo para o

desenvolvimento da comunidade, as estratégias e as contribuições da gestão cooperativista para a vida das pessoas do campo, idealizando a transparência econômica, política, social, cultural e ambiental.

O estudo foi viável em decorrência da acessibilidade as informações para o desenvolvimento da pesquisa, possibilitando obter os dados necessários para o estudo. Além de contribuir para o meio acadêmico, comunitário e regional, abordando de maneira minuciosa as contribuições do cooperativismo no desenvolvimento da agricultura familiar na comunidade rural Colônia Cella de Chapecó/SC.

1.4. ESTRUTURA DO TRABALHO

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) compõe-se de cinco partes: a primeira é composta pela introdução com suas subdivisões referentes ao tema, problema de pesquisa, objetivos, justificativa e estrutura do trabalho. Em seguida apresenta-se o referencial teórico, compondo as seguintes investigações: Desenvolvimento: sustentável, local e rural; Agricultura Familiar: definições e características; Cooperativismo: origem, conceitos e princípios. Na sequência são abordados os procedimentos metodológicos contemplando a classificação da pesquisa; unidade de análise; sujeitos da pesquisa; coleta de dados, análise e interpretação dos dados e a trajetória da pesquisa. A quarta parte constitui-se da apresentação e discussão dos resultados da pesquisa. Após apresentam-se as considerações finais, as referências bibliográficas utilizadas para os embasamentos da pesquisa e o apêndice.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta parte é apresentado o referencial teórico visando estabelecer embasamentos conceituais sobre Desenvolvimento: sustentável, local e rural; Agricultura Familiar: definições e características; Cooperativismo: origem, conceitos e princípios.

2.1. DESENVOLVIMENTO

2.1.1. Desenvolvimento Sustentável

Diversos autores e estudiosos abordam teorias e percepções sobre o surgimento da expressão: “Desenvolvimento Sustentável”. Segundo Milanez (2003), esta expressão significa uma nova forma de ver o desenvolvimento da sociedade, considerando os problemas causados ao meio ambiente pelo desenvolvimento econômico, a fim de conciliar a continuação do processo de desenvolvimento da sociedade mantendo o equilíbrio ambiental planetário. Dentre estas questões de âmbito mundial, reconheceu-se a necessidade em aprofundar as pesquisas e debates envolvendo o tema.

A noção de Desenvolvimento Sustentável passou a ser difundido a partir do evento da Comissão Mundial sobre Meio ambiente e Desenvolvimento (CMMAD) constituído pela Organização das Nações Unidas (ONU), e coordenado pela Primeira Ministra Gro Harlem Brundtland da Noruega em 1987. Esta Comissão definiu que desenvolvimento sustentável é aquele que atende as necessidades das gerações presentes sem comprometer a possibilidade de que as gerações futuras satisfaçam as suas próprias necessidades. Surgindo assim o conceito que hoje é tão difundido como “Desenvolvimento Sustentável” (SCHNEIDER, 2015, p. 94).

Em 1992 – a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável – (Rio 92) apresentou o conceito desenvolvimento sustentável sendo “modelo que prevê a integração entre economia, sociedade e meio ambiente. [...] é a noção de que o crescimento econômico deve levar em consideração a inclusão social e a proteção ambiental” (CNUDS, 2018). Neste mesmo ano instituiu a Agenda 21, documento assinado por mais de 179 países servindo como “instrumento de planejamento visando o desenvolvimento sustentável” (SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE E RECURSOS HÍDRICOS DO PARANÁ, 2018). Nota-se que o desenvolvimento sustentável constituiu um novo mecanismo de integração e equilíbrio da economia com a sociedade e o meio ambiente.

A evolução do conceito de desenvolvimento sustentável possibilitou desenvolver novas percepções e teorias acerca do assunto. Schneider (2015) apresenta dois modelos distintos de desenvolvimento sustentável. O primeiro modelo corresponde ao paradigma de civilizações oriundo das revoluções industriais do século XIX e XX, na qual conduz na prática um modelo de pseudodesenvolvimento sustentável. Este modelo provocou a “Questão Social” que emergiu no decorrer da Revolução Industrial, em que os empresários saíam como grandes beneficiados e os trabalhadores assalariados, como vítimas. O segundo modelo apresentado prioriza a vida dos seres vivos e leva o homem a desenvolver tecnologias que aperfeiçoam e contribuem para o bem-estar de todos. Este modelo assegura realmente o desenvolvimento sustentável e constitui a uma base de civilização que se preocupa com a vida e o aperfeiçoamento dos seres vivos. Nesta mesma percepção pode-se destacar a ideia de Almeida (1999, p. 20), de que “a noção de desenvolvimento sustentável vem sendo utilizada como portadora de um novo projeto para a sociedade, capaz de garantir, no presente e no futuro, a sobrevivência dos grupos sociais e da natureza”.

O desenvolvimento sustentável possui pelo menos quatro facetas estruturais principais definidas por Milanez (2003), sendo elas: ambiental, social, econômica e cultural. A primeira faceta citada pelo autor é a questão ambiental, na qual está diretamente ligada a sustentabilidade. O colapso ambiental, fez com que surgisse a necessidade de construir alternativas renováveis e sustentáveis, motivando a inclusão deste entre as facetas do “Desenvolvimento Sustentável”. A segunda faceta refere-se ao social, prezando por uma sociedade mais justa e sem desigualdades. O planeta carece de justiça social e a concentração progressiva em riquezas faz com que aumente a desigualdade, passando a atuar entre os quesitos do “Desenvolvimento sustentável”. A terceira faceta é a econômica, agindo com recursos meios do desenvolvimento e não fim. Ou seja, ela deve ser revolucionada em sua ótica na direção da inclusão de muitas atividades produtivas, sem comprometer as demais facetas. E por fim, a faceta cultural, que dispõe de bases características do desenvolvimento atual, resgatando um dos valores mais estruturais da sociedade, suas culturas. As culturas são as maiores e mais complexas expressões da experiência humana. Elas constituem o acúmulo dos conhecimentos das sociedades em determinados ambientes.

Na mesma perspectiva Goular (2011) e Magri (2011) abordam conceitos e princípios que formam o desenvolvimento sustentável destacando a importância da sustentabilidade para o controle ambiental, social, econômico e cultural no âmbito do cooperativismo sustentável. O desenvolvimento sustentável possui ideais semelhantes aos do cooperativismo. As cooperativas devem adotar estratégias sustentáveis em seu modelo cooperativista. Para que as

cooperativas agrícolas se desenvolvam sustentavelmente, é necessário que elas estejam em consonância com determinados padrões, valorizando bens naturais e principalmente tendo em vista que o movimento cooperativista é uma importante ferramenta como geradora de renda as comunidades (GOULAR, 2011, p. 15).

A ideia de desenvolvimento sustentável permite articular um conjunto de elementos que na visão de Magri (2011) são essenciais para a formação da sociedade. Esses elementos são: retomada do crescimento econômico; fortalecimento das economias locais e regionais, inclusão social; combate a fome e a miséria; proteção e gestão ambiental; valorização da cultura popular; preservação dos recursos energéticos e utilização de fontes alternativas de energia. Pode-se perceber que a sustentabilidade engloba dimensões que atendam a ecologia correta, a economia viável, uma sociedade justa e uma cultura aceita entre os povos.

O projeto de desenvolvimento sustentável requer a construção de políticas para a desconcentração da renda e da riqueza, como a priorização da agricultura familiar, da reforma agrária, da economia popular e solidária e dos microempreendimentos urbanos de base familiar, dispondo de incentivos (crédito e assistência) e buscando uma interação sistêmica com o meio ambiente (MAGRI, 2011, p. 99). Singer (2003) reitera que o comportamento da economia solidário na sociedade capitalista combate o desemprego e promove a inserção social, organizando os jovens em cooperativas para desempenharem funções que antes do neoliberalismo eram executadas apenas por funcionários públicos. Nesta direção Goular (2011) ressalta que o cooperativismo agrícola tenta buscar um equilíbrio entre sustentabilidade e o meio agrícola, com a ideia de controle social rural.

Existe integração significativa entre o desenvolvimento sustentável e a agricultura familiar, através da produtividade consciente e preservação dos princípios agroecológicos. Avanços em pesquisas científicas e novas tecnologias possibilitam que os produtores rurais escolham as melhores condições de produção, visando à sustentabilidade e suas dimensões ao meio ambiente. Para que se possa avançar na construção de uma sociedade ecologicamente sustentável e socialmente justa, a política ambiental e as ações do conjunto de agentes políticos e econômicos devem estar fundamentadas na integração permanente da temática socioambiental com as estratégias de desenvolvimento econômico, considerando a preservação dos recursos hídricos, da matriz energética e produtiva, o controle e o saneamento ambiental, a biodiversidade (MAGRI, 2011, p. 101).

Diante da abordagem teórica realizada acerca do desenvolvimento sustentável, a seguir apresenta-se o desenvolvimento local e suas definições, relacionando com as teorias abordadas acima.

2.1.2. Desenvolvimento Local

Dentre os diversos conceitos de desenvolvimento local, estudiosos como De Jesus (2003); De Paula (2005) e Do Amaral Filho (2009) apontam suas percepções a respeito do tema. Para De Jesus (2003, p. 72) desenvolvimento local é “um processo que mobiliza pessoas e instituições buscando a transformação da economia e da sociedade local, criando oportunidades de trabalho e renda, [...] melhorando as condições de vida da população local”. Ele constitui-se no processo de tornar dinâmicas as vantagens comparativas e competitivas de uma determinada localidade, de modo a favorecer o crescimento econômico e simultaneamente elevar o capital humano, o capital social, a melhoria das condições de governo e o uso sustentável do capital natural (DE PAULA, 2005, p. 6).

Quanto às estratégias de desenvolvimento local, Do Amaral Filho (2009) afirma que uma estratégia tem por objetivo munir um determinado local, ou região, de fatores locacionais sistêmicos capazes de criar polos dinâmicos de crescimento com variados efeitos multiplicadores, transformando a região e tornando-a atrativa para a obtenção de novas atividades econômicas. Logo, elaborar projetos econômicos estruturantes é fundamental para o desenvolvimento local integrado, envolvendo questões sociais, culturais e ambientais.

De Paula (2005) fundamenta algumas estratégias de desenvolvimento local:

- A participação organizada da comunidade local;
- A capacitação continuada para o planejamento e a gestão compartilhada do desenvolvimento;
- A oferta articulada e convergente de investimentos governamentais e não-governamentais;
- A difusão da cultura empreendedora e o apoio ao empreendedorismo local;
- A oferta adequada de crédito para micro e pequenos empreendedores através de instrumentos de crédito produtivo popular (microcrédito).

Os benefícios de uma política econômica e social, cuja base está assentada no desenvolvimento local e regional de caráter sustentável baseia-se na concepção de utilização equilibrada da natureza, no fortalecimento da produção e do mercado local, na geração de mais e melhores empregos e na melhor distribuição de renda, resultando, conseqüentemente, num maior processo de inclusão social, na erradicação da pobreza, em justiça social e equilíbrio ambiental (MAGRI, 2011, p. 90). De acordo com Willie (2012) o desenvolvimento

local está diretamente relacionado à existência da cooperação e contribuição mútua de todos os atores envolvidos dentro do processo de participação. Além de utilizar recursos e valores locais sob o controle de instituições e de pessoas do lugar, resultando em benefícios para as pessoas e para o meio ambiente local.

Quanto às dimensões do “Desenvolvimento Local”, CARE BRASIL (2018) de Combate a Pobreza pela Promoção do Desenvolvimento Local, estabelece cinco aspectos importantes: a inclusão social; o fortalecimento e a diversificação da economia local; a inovação na gestão pública; a proteção ambiental e o uso racional de recursos naturais; e a mobilização social. No que concerne à construção das políticas de desenvolvimento local, Magri (2011) preconiza que se priorizam os setores e programas que caminham no sentido de promover transformações estruturais no processo de organização da sociedade. Nesta percepção, um dos fatores que o autor aponta é a concentração fundiária e de renda, por meio de um amplo processo de reforma agrária, do estímulo à agricultura e agroindústria de bases familiares e as estruturas produtivas solidárias. Em meio a essas indagações, possibilita a criação de políticas que dinamizam bases socioeconômicas de desenvolvimento local, inclusão, justiça social e combate a desigualdades.

De acordo com Blanco (2006), o cooperativismo e a agricultura familiar é uma proposta de desenvolvimento local sustentável que promove benefícios concretos, tanto ao mundo rural como as metrópoles brasileiras. Por isso o desenvolvimento local é mais abrangente e eficaz quando se torna capaz de incorporar e valorizar o potencial de forças sociais para o desenvolvimento do meio rural local (GIARRACA, 2001, p. 34). Incorporando o próprio desenvolvimento rural local, Magri (2011) enfatiza a presença da agricultura familiar como um elemento constitutivo de políticas, aspectos econômicos e responsabilidades produtivas, representatividades sociais, culturais e desenvolvimento de estratégias que permitem gerar empregos e melhorar a qualidade de vida da população.

Diante das percepções de cooperativismo, agricultura familiar e suas contribuições para o desenvolvimento local, De Jesus (2003) argumenta a importância em discutir com os trabalhadores sobre os valores e práticas de solidariedade, ação coletiva, cooperativas e empresas solidárias, a fim de efetivar os processos de desenvolvimento local. Quanto a estes processos, Baquero (2003) enfatiza a importância do capital social, pois exige que as pessoas aceitem e valorizem as normas éticas e morais da comunidade e, nesse processo adquirem virtudes cívicas, como: lealdade, honestidade e confiabilidade. Além disso, o capital social é transmitido por mecanismos culturais, tais como: histórico, religião, costume e sobrevivência.

Em meio a mudanças que procedem este desenvolvimento, o meio rural também precisa passar por transformações e evoluções. O desenvolvimento rural necessita de mudanças centradas na esfera agropecuária, saindo de um sistema de produção agrícola baseado no aproveitamento e extrativismo da natureza para o empreendimento do desenvolvimento local organizado com sustentabilidade econômico-ambiental. Quanto às abordagens do “Desenvolvimento Rural”, a seguir apresentam-se as percepções e teorias acerca do tema.

2.1.3. Desenvolvimento Rural

Na sequência das indagações referente ao desenvolvimento, esta parte adentra-se especificamente nas bases conceituais e teóricas do “Desenvolvimento Rural”. Esta temática volta-se para as transformações e evolução das diretrizes e dos fatores do meio rural. Neste sentido, a expressão “Desenvolvimento Rural” pode ser visto como uma combinação de forças internas e externas a região, em que os atores das regiões rurais estão envolvidos simultaneamente em um complexo de redes locais que podem variar significativamente entre regiões (KAGEYAMA, 2004, p. 383-384). Para Almeida (1995), a noção de desenvolvimento no campo da agricultura surgiu entre os anos de 1950 e 1960 nos Estados Unidos (EUA) e em países da Europa. Em decorrência da chegada de indústrias agroalimentares e da presença de agricultores “empresariais”, o setor agrícola passou a se inserir no sistema econômico. A agricultura deixou de atuar como “arcaico” tradicional, para um setor “moderno” participando do sistema econômico nacional.

Em meio ao esgotamento das premissas fundamentalistas do desenvolvimento rural tradicional, Giarraca (2001) apresenta alguns aspectos voltados ao pacto social para o desenvolvimento rural:

- **Concepção** de que o meio rural possui grande potencial econômico, social, cultural e patrimonial, que deve ser transformado em forças sociais para o desenvolvimento;
- **Movimento** capaz de envolver todos os habitantes do meio rural em sua diversidade, bem como Instituições, o Governo, Universidades, ONG, integrando as forças sociais para o desenvolvimento;
- **Pressupostos e objetivos** que garantam o dinamismo de suas forças sociais, como a valorização do habitante rural como um cidadão pleno, em todos os níveis, material, cultural e político. Além de favorecer a cooperação sem anular as particularidades entre a agricultura e os demais setores locais, regionais, nacionais e globais.

- **Políticas voltadas para a agricultura** que reconheçam a importância dos agricultores, que recuperem a produtividade e o potencial de terras e recursos naturais, valorizem o patrimônio natural e cultural do meio rural e considerem a agricultura familiar como uma forma social adequada de responder as exigências da agricultura moderna.

Em meio a esses aspectos, podem-se idealizar características do meio social, econômico, político, cultural e ambiental, formando um modelo de desenvolvimento integrado. A transição do desenvolvimento rural tradicional para o sustentável depende da motivação e construção de consensos, mediados por uma relação democrática e com diálogo entre a política ambiental e as populações rurais. A necessidade em criar um novo modelo de desenvolvimento rural decorre da insustentabilidade e inadequação econômica, social e ambiental do padrão de desenvolvimento da sociedade contemporânea. Almeida (1995) afirma que essa necessidade nasce devido à finitude dos recursos naturais e das injustiças sociais provocadas pelo modelo de desenvolvimento vigente na maioria dos países.

Moreira e Do Carmo (2007) descrevem as características de programas de desenvolvimento rural sustentável: 1) integralidade; 2) harmonia e equilíbrio; 3) autonomia de gestão e controle; 4) minimização das externalidades negativas; 5) manutenção e fortalecimento dos circuitos curtos de comercialização; 6) utilização do conhecimento local vinculado aos sistemas tradicionais de manejo dos recursos naturais; 7) pluriatividade, seletividade e complementaridade de rendas. Acrescentam ainda que os agricultores familiares são os protagonistas deste novo modelo de desenvolvimento rural conhecido como sustentável.

A opção pela agricultura familiar como protagonista do desenvolvimento rural sustentável se baseia, de maneira geral, em análises que lhe atribuem uma situação mais favorável em relação à agricultura patronal, devido a sua potencialidade em termos de “sustentabilidade” e por sua capacidade de gerar emprego e renda no meio rural (STROPASOLAS, 2002, p. 01). A nova proposta de desenvolvimento rural prioriza a agricultura familiar, permitindo que as pequenas propriedades rurais desenvolvam projetos agroecológicos, tenham condições produtivas para atender a demanda do mercado, coopere entre si no meio social e preserve os recursos naturais.

Quanto a “Agricultura Familiar”, a seção a seguir abordará suas definições e características, de modo a constituir bases teóricas consistentes para sustentar os objetivos do estudo, bem como a pergunta de pesquisa.

2.2. AGRICULTURA FAMILIAR: DEFINIÇÕES E CARACTERÍSTICAS

O tema agricultura familiar quando tratado isoladamente acaba gerando controvérsias e discussões entre estudiosos e pesquisadores desta área. Diante disso, faz-se importante realizar apontamentos acerca das teorias do desenvolvimento sustentável, local e rural para fornecer suporte as concepções e conceitos da agricultura familiar. Em meio a isso, a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG, 2018) define “Agricultura Familiar” como sendo a “melhor forma de promover a inclusão e o desenvolvimento com sustentabilidade no campo”. Nesta perspectiva, Buainain (2006) e Mior (2007) em suas obras relacionam os conceitos e princípios da agricultura familiar com as diretrizes do desenvolvimento. Portanto, através dessa interação entre desenvolvimento sustentável, local e rural, possibilita contextualizar as teorias acerca da agricultura familiar.

No entendimento de Buainain (2006) as contribuições da agricultura familiar agem como alternativa para o desenvolvimento territorial sustentável. No Brasil a agricultura familiar é extremamente diversificada, na qual inclui tanto famílias que vivem e exploram minifúndios em condições de extrema pobreza, como produtores inseridos no moderno agronegócio e que geram renda acima da média da linha da pobreza. No decorrer dos anos mudanças passaram a ocorrer nas leis e nos princípios conceituais da agricultura familiar. Durante os anos 70 e 80, transformações similares com a dos países desenvolvidos estavam ocorrendo na agricultura brasileira, isso em decorrência do processo de modernização baseado na mecanização e na utilização de variedades selecionadas de sementes e de insumos químicos. Além disso, neste mesmo período passou a aprofundar a integração da agricultura com as instituições industriais, comerciais e financeiras, formando assim os chamados “Complexos Agroindustriais” (BUAINAIN; ROMEIRO; GUANZIROLI, 2003, p. 313).

A expressão “Agricultura Familiar” conforme Schneider (2003) emergiu no contexto brasileiro a partir de meados da década de 1990. Neste período ocorreram dois eventos que tiveram impacto social e político significativo no meio rural. O primeiro voltou-se para os desafios enfrentados pelo sindicalismo rural, dificultando a abertura comercial, falta de crédito agrícola e queda nos preços dos principais produtos agrícolas de exportação. Mesmo diante destas adversidades, a agricultura familiar mostrou-se capaz de acolher um conjunto de categorias sociais, como assentados, arrendatários, parceiros, integrados a agroindústrias entre outros que deixariam de fazer parte das condições de pequenos agricultores ou trabalhadores rurais. Já o segundo eventos foi à legitimação do Programa Nacional de Fortalecimento da

Agricultura Familiar (PRONAF) pelo Governo em 1996, na qual se buscou minimizar as pressões do movimento sindical rural de 1990 através do fornecimento de crédito agrícola.

Com base nos dados da Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário (2018), as características da agricultura familiar são distintas quando comparado à agricultura não familiar, isso se justifica pelo fato da gestão da propriedade ser dirigida e controlada pelos próprios indivíduos da família. Além disso, a agricultura familiar possui relação direta com a terra, fornecendo uma diversidade produtiva, sendo o local de trabalho e moradia dos agricultores. No entanto, Buainain (2006) questiona quanto à diferenciação das propriedades rurais familiares com as propriedades patronais. As indagações desenvolvidas são: Que proporção de trabalho familiar caracteriza um agricultor familiar? A partir de que quantidade de trabalho contratado o agricultor deixa de ser familiar e passa a ser patronal? Qual a importância de fatores como herança cultural, tradições etc.? Em meio a essas indagações a respeito de ser ou não ser “Propriedade Familiar” que surgem normas e leis regulamentando os enquadramentos da agricultura familiar.

Conforme a Lei Nº 11.326 de 24 de julho de 2006, considera-se agricultor familiar e empreendedor familiar rural aquele que pratica atividades no meio rural atendendo os seguintes requisitos:

- I – não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais;
- II – utilize predominantemente mão de obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento;
- III – tenha percentual mínimo da renda familiar originada de atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento, na forma definida pelo Poder Executivo;
- IV – dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família.

Considerando esta Lei, a agricultura familiar passou a ganhar padrões e características próprias por todo o país, enquadrando somente agricultores que atendam aos requisitos impostos pela lei. Para a Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário (2018), “a Lei define as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e os critérios para a identificação desse público”.

No âmbito regional, especificamente a região Oeste de Santa Catarina, a agricultura familiar é um dos precursores do desenvolvimento rural e local. Conforme Mior (2007) entre os anos de 1995 e 1996, a região Oeste de Santa Catarina possuía cerca de 88.000 estabelecimentos rurais, dentre os quais 95% eram de natureza familiar. A estrutura agrícola se constituía de pequenas áreas rurais, com cerca de 20 a 50 hectares. Radin e Corazza (2018)

apresentam dados do IBGE de 2009. Neste ano, havia aproximadamente 5.175.000 estabelecimentos agrícolas, sendo que destes, 84,4% eram familiares, e 95% das propriedades possuíam menos de 50 hectares. Santa Catarina é um dos estados com maior número de agricultores familiares do país. Ele detém quase 170 mil estabelecimentos agropecuários de todo o estado, correspondendo a 87% do total (SECRETARIA ESPECIAL DE AGRICULTURA FAMILIAR E DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO, 2016).

O Governo Federal Brasileiro desenvolveu um Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) que tem por objetivo fortalecer as famílias que trabalham no campo, através do fornecimento de financiamentos agrícolas, visando gerar renda, otimizar a mão de obra, melhorar a qualidade de vida familiar e impulsionar o desenvolvimento do meio rural. Conforme dados do sistema das Cooperativas de Crédito Rural com Interação Solidária (CRESOL, 2018), os agricultores interessados em participar do programa devem atender algumas condições, sendo elas:

- Explorar a terra como parceiro, arrendatário, posseiro, proprietário ou concessionário do Programa Nacional de Reforma Agrária (PNRA);
- Residir na propriedade rural ou considerando as características geográficas da região, em local próximo;
- Possuir, no máximo, quatro módulos fiscais para a atividade agrícola ou seis para a atividade pecuária;
- Ter a agricultura familiar como a base do trabalho do seu estabelecimento;
- Obter, pelo menos, 50% da renda familiar bruta da atividade do estabelecimento (agropecuária ou não);
- Utilizar mão de obra de terceiros de acordo com a sazonalidade da produção, podendo manter empregados permanentes apenas em número menor do que o de integrantes da família;
- Ter renda bruta familiar de até R\$ 360 mil nos últimos 12 meses de produção, excluídos os benefícios previdenciários de atividades rurais e proventos vinculados.

Quanto à política de desenvolvimento da agricultura familiar, na qual leva considera quatro fatores apresentados por Buainain, Romeiro e Guanzirolí (2003), e que influenciam na dinâmica da produção familiar, sendo eles: incentivos aos produtores para investir e produzir; disponibilidade de recursos; particularmente terras, água, mão de obra, capital e tecnologia,

etc; e por fim, as influências das instituições como agentes capazes de promover a possibilidade e disposição para produzir. Em meio a isso, os autores afirmam que:

O fortalecimento e desenvolvimento da agricultura familiar requerem da integração das políticas macroeconômicas, agrícola e de desenvolvimento rural, de forma reduzir os atritos e aumentar a convergência e sinergia entre os diversos níveis de intervenção do setor público. Em relação à política macroeconômica, cabe aqui apenas pontuar que ela incide diretamente sobre os incentivos e a disponibilidade de recursos. Os preços reais, o grau de proteção efetiva, a disponibilidade de recursos e o custo de oportunidade para a utilização desses recursos são fortemente influenciados pelas políticas e preços macroeconômicos. Além disso, essas políticas afetam também as variáveis estruturais como a dinâmica da oferta e demanda, a distribuição de renda e a disponibilidade e qualidade da infraestrutura (BUAINAIN; ROMEIRO; GUANZIROLI, 2003, p. 341).

A agricultura familiar contribuiu e ainda contribui significativamente para o desenvolvimento do país, atuando de maneira sustentável em prol dos cuidados com os recursos naturais, estabelecendo leis voltadas para a agricultura familiar, políticas agrícolas em benefício dos agricultores, dentre outros ganhos e recursos disponíveis. Neste contexto e diante do atual modelo de agricultura familiar, nasce o sistema inovador de cooperação, mais conhecido como “Cooperativismo”. A respeito do tema, na sequência abordam-se a origem, conceitos e princípios do cooperativismo.

2.3. COOPERATIVISMO: ORIGEM, CONCEITOS E PRINCÍPIOS

O termo “Cooperativismo” originou-se a milhares de anos atrás, na busca por uma sociedade mais justa e fraterna e presando pelo trabalho coletivo e comunitário. Pensadores franceses e ingleses que formavam uma corrente liberal e se caracterizaram como socialistas utópicos pregavam o ideal de justiça e fraternidade. Diante desses ideais, Cenzi (2012) apresenta as obras que originaram fortes influências no desenvolvimento do cooperativismo, destacando as seguintes:

- A República de Platão (428-347 a.C.);
- Utopia de Tomas Morus (1480-1535);
- A Nova Atlântida de Francis Bacon (1561-1626);
- A viagem a Içaria de Etienne Cabet (1788-1856).

Dentre as diversas percepções acerca das origens, conceitos e princípios do cooperativismo, percebe-se a influência de diversos pensadores e estudiosos da literatura.

Embora o berço da modalidade societária – cooperativista, seja na Inglaterra, o precursor dessa ideia não foi um inglês, mas sim, um holandês chamado de – Peter Corneliszoon Ploekhoy (1625-1670). O mesmo pregava pelo bem estar das pessoas modestas, mediante a organização de pequenas repúblicas de agricultores artesões, pescadores e mestres em artes e ciências. Anos mais tarde, Robert Owen (1771-1858) se torna referência mundial ao ser considerado o precursor moderno do cooperativismo, com influência direta na formação das primeiras regras estatutárias da primeira cooperativa efetivamente instalada – Os Pioneiros de Rochdale. (CENZI, 2012, p. 24-25).

No Brasil, o cooperativismo passou a atuar por volta de 1610, com a fundação das primeiras reduções jesuíticas, constituindo um estado cooperativo em bases integrais. Schmidt e Perius (2003) afirmam que por mais de 150 anos essa ação dos padres jesuítas foram exemplo de sociedade solidária fundamentada no trabalho coletivo, no qual o bem-estar do indivíduo e da família se sobrepuja ao interesse econômico da produção. Em Santa Catarina, a primeira tentativa foi a criar uma “Associação de famílias” baseada nos princípios cooperativistas do socialismo utópico de Charles Fourier (1772-1837), onde propõe uma espécie de sociedade baseada na harmonia e na solidariedade, em geral, voltada para a agricultura, devido a sua relação com a natureza. (RADIN; CORAZZA, 2018). O cooperativismo possui forte relação com o desenvolvimento do estado e do país, tanto para a formação econômica, quanto para a construção social e cultural mais justa e igualitária. Ele preza também pela sustentabilidade, de modo que os recursos naturais sejam utilizados de maneira consciente e responsável, sem provocar sua extinção.

No Oeste Catarinense a presença do cooperativismo é significativa, se destacando em relação às demais regiões do sul brasileiro. Radin e Corazza (2018) enfatizam que nesta região do Oeste Catarinense o cooperativismo começou a se desenvolver a partir da agricultura familiar, no âmbito do processo de colonização de povos provenientes do Rio Grande do Sul. Em meio a isso, constituíram-se também duas fases diferentes predominantes do cooperativismo. A primeira fase caracterizada pelo cooperativismo tradicional voltado para a economia local, visando organizar a poupança local, a produção e a comercialização do excedente da agricultura familiar. E a segunda fase, caracterizando o cooperativismo empresarial, atuando entre o período militar de 1964 até meado dos anos de 1980.

Mladenatz (2003), Schmidt e Perius (2003), Cenzi (2012), Radin e Corazza (2018), conceituam “Cooperativismo” como sendo um movimento ou uma forma de organização econômica e social orientada por valores e princípios da doutrina cooperativista, como a cooperação, ajuda mútua, solidariedade, gestão democrática, e distribuição dos resultados

entre os associados. O cooperativismo orienta-se nas atividades de caráter social e econômico, além de obter um conjunto de valores, princípios e normas que balizam sua atuação na economia e na sociedade. Observa-se uma convergência na visão dos estudiosos acerca do cooperativismo. A Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB 2018) também conceitua o cooperativismo como “filosofia de vida que busca transformar o mundo em um lugar mais justo, feliz, equilibrado e com melhores oportunidades para todos [...] mostra que é possível unir desenvolvimento econômico e desenvolvimento social”.

As origens e bases conceituais acerca do cooperativismo sustentam-se princípios que possibilitam as cooperativas colocarem seus valores em prática. Os princípios são: Adesão livre e voluntária; Controle democrático pelos sócios; Participação econômica do sócio; Autonomia e independência; Educação, treinamento e informação; Cooperação entre cooperativas; e Preocupação com a comunidade (SCHMIDT; PERIUS, 2003, p. 63-64). A OCB (2018) apresenta os sete princípios do cooperativismo e Crúzio (2005) caracteriza-os:

Quadro 1 – Princípios do Cooperativismo e suas Características

| Princípios | | Características |
|-------------------|---|---|
| 1º | Adesão livre e voluntária | As cooperativas são organizações voluntárias, aberta a todas as pessoas aptas a usar serviços e dispostas a aceitar as responsabilidades de sócio, sem discriminação social, racial, política ou religiosa e de gênero. |
| 2º | Controle democrático pelos sócios | As cooperativas são organizações democráticas, controladas por seus sócios, que participam ativamente no estabelecimento de políticas e tomada de decisões. |
| 3º | Participação econômica do sócio | Nas cooperativas os sócios controlam democraticamente o capital de sua cooperativa. Os sócios destinam as sobras visando formação de reservas, retorno aos sócios na proporção de suas transações com a cooperativa e desenvolvimento da cooperativa. |
| 4º | Autonomia e independência | As cooperativas são organizações autônomas de ajuda mútua, controladas por seus membros. Busca acordos operacionais com outras entidades, preservando o controle democrático pelos sócios. |
| 5º | Educação, treinamento e informação | As cooperativas proporcionam educação e treinamento aos sócios. Dirigentes eleitos, administradores e funcionários, contribuindo de maneira efetiva para o desenvolvimento da cooperativa. |
| 6º | Cooperação entre cooperativas | As cooperativas atendem a seus sócios efetivamente e fortalecem o movimento cooperativista trabalhando juntas, por meio de estruturas locais, nacionais, regionais e internacionais. |
| 7º | Preocupação com a comunidade | As cooperativas trabalham pelo desenvolvimento sustentável de suas comunidades, através de políticas aprovadas por seus membros. |

Fonte: Adaptado da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB, 2018) e Crúzio (2005).

Os princípios cooperativos, uma vez sedimentados desde a base histórica de 1844, despertam profunda reflexão sobre o quanto representam para a doutrina da prática cooperativista:

Os princípios do cooperativismo foram criados, estudados e avaliados por líderes e pensadores, com ideais baseados na cooperação. Estes princípios foram aprovados e colocados em prática quando da fundação da primeira cooperativa formal do mundo, na Inglaterra em 1844. Com a evolução e a modernização do cooperativismo e da economia mundial, os princípios cooperativistas foram reestruturados e adaptados a realidade do mundo atual, [...] (CENZI, 2012, p. 58).

O cooperativismo possibilitou o surgimento de entidades conhecidas como cooperativas que entre suas características, desenvolveram valores próprios e princípios em comum, possibilitando constituir padrões que marcam as doutrinas e diretrizes do sistema cooperativista. As cooperativas revolucionaram a estrutura organizacional e a maneira de gerenciar as instituições. As primeiras cooperativas surgiram na França e na Inglaterra, entre 1820 e 1840. Inicialmente, dentre suas funções econômicas, desempenhavam também o papel de sociedade beneficente, de sindicatos e até universidade popular. (GABRIEL JR. 2011, p. 46). Para Mladenatz (2003) a cooperativa moderna, especialmente a cooperativa industrial, propôs a transformação da organização econômica da sociedade por meio de regimes baseados em associações de caráter econômico a serviço do interesse dos trabalhadores. Deste modo, originaria organizações sociais constituídas de maneira racional, desprovidas dos defeitos da sociedade atual.

Schmidt e Perius (2003, p. 63) definem a cooperativa como sendo uma “associação autônoma de pessoas unidas voluntariamente para atender suas necessidades e aspirações econômicas, sociais e culturais comuns, através de uma empresa coletiva e democraticamente controlada”. Conforme a Lei nº 5.764/71, que define a Política Nacional do Cooperativismo e institui o sistema sociedades cooperativas, conceitua cooperativa como “sociedades de pessoas, com forma e natureza jurídica próprias, de natureza civil, não sujeitas à falência, constituídas para prestar serviço aos associados” (CRÚZIO, 2005, p. B13). Deduz-se, então, que a cooperativa, enquanto sociedade de pessoas, não está voltada ao lucro, embora tenha fins econômico-sociais. Como associação de pessoas, estas assumem o papel de sócios, usuários e clientes ao mesmo tempo (CENZI, 2012, p. 19).

No Brasil, a organização cooperativa estabeleceu-se a partir de 1891. Segundo Schmidt e Perius (2003) naquele ano surgiram em São Paulo a Cooperativa dos Empregados da Companhia Telefônica. No Rio de Janeiro em 1894 a Cooperativa Militar Consumo, e assim, espalhando-se para os demais estados do país. A primeira cooperativa voltada para produtores rurais foi em 1892, chamada de “Società Cooperativa delle Convezion Agricoli Industrial” em Alfredo Chaves (hoje Veranópolis). As primeiras cooperativas no Oeste

Catarinense surgiram na década de 1920, inspiradas pelas Caixas Rurais União Popular criadas no Rio Grande do Sul em 1902. As duas primeiras cooperativas foram de consumo e crédito e a outra de caixa rural. No entanto, foi a partir de 1967 que surgiram à maioria das cooperativas existentes atualmente na região Oeste catarinense, tais como: Cooperalfa (Chapecó 1967); Coopérdia (Concórdia 1968); Auriverde (Cunha Porã 1968); Cooper Itaipu (Pinhalzinho 1969); Cooperio (Joaçaba 1969) – (RADIN; CORAZZA, 2018, p. 44).

Crúzio (2005) entende que as cooperativas diferem das empresas comuns em muitos aspectos, visto que possuem características próprias, destacam-se:

- Permitem o livre ingresso de pessoas, desde que o objetivo individual do interessado não conflite com os objetivos do grupo;
- Propiciam a variabilidade do capital social, representado por quotas-partes;
- Possibilitam ao associado se desligar a qualquer momento, desde que esteja em dia com suas obrigações para com a associação;
- Asseguram ao associado o direito de votar nas reuniões da Assembleia Geral dos Sócios, independentemente das condições econômicas, políticas e sociais de cada um;
- Constituem Fundos de Assistência Técnica, Educacional e Social, destinado a educação dos associados e de seus familiares;
- Distribuem as sobras dos lucros líquidos do exercício proporcionalmente as operações realizadas pelos associados, salvo decisão contrária da Assembleia Geral dos Sócios.

As principais decisões de uma cooperativa são tomadas em Assembleia Geral, pela participação dos cooperados ou representantes destes (delegados). As mesmas podem ser formadas para atender a demanda de diversos serviços, conforme a necessidade de cada região ou localidade. Através das instituições cooperativas e da cooperação entre os associados, que os valores do cooperativismo são colocados em prática. Esses valores, apresentados na seção 2.3 estimulam a união e ajuda mútua das pessoas, contribuindo coletivamente para o bem comum dos envolvidos.

Schmidt e Perius (2003) afirmam que a vida de uma pessoa cooperativa tem por base o processo democrático e a tomada de decisões pela maioria do quadro social. As cooperativas estabelecem com seus associados relações diferentes daquelas que as empresas de capital mantêm com seus fornecedores ou clientes compradores. Deste modo, a opção cooperativa é mais uma alternativa disponível para organizar a economia dentro da liberdade que caracteriza a sociedade atual.

Quanto aos ramos do cooperativismo, a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB 2019) classifica-os no Quadro 2:

Quadro 2 – Ramos do Cooperativismo

| Ramos | Características |
|-----------------------|--|
| Agropecuário | Reúne cooperativas de produtores rurais, agropastoris e de pesca. O papel da cooperativa é receber, comercializar, armazenar e industrializar a produção dos cooperados. Além, é claro, de oferecer assistência técnica, educacional e social. |
| Consumo | Focado na compra em comum de artigos de consumo para seus cooperados. Podem ser fechadas ou abertas. As primeiras admitem como cooperados somente pessoas ligadas a uma mesma cooperativa, sindicato ou profissão. As segundas estão abertas a qualquer pessoa que queira se associar. |
| Crédito | Promover a poupança e oferecer soluções financeiras adequadas às necessidades de cada cooperado. Sempre a preço justo e em condições vantajosas para os associados. O foco do cooperativismo de crédito são as pessoas, não o lucro. |
| Educacional | Prover educação de qualidade para a formação de cidadãos mais éticos e cooperativos e garantir um modelo de trabalho empreendedor para professores. |
| Especial | Ramo específico para oferecer a pessoas com necessidades especiais, ou que precisam ser tuteladas, uma oportunidade de trabalho e renda. |
| Infraestrutura | São cooperativas que fornecem serviços essenciais para seus associados, como energia e telefonia por exemplo. Seja repassando a energia de concessionárias ou gerando a sua própria, esses empreendimentos garantem o acesso dos cooperados a condições fundamentais para seu desenvolvimento. |
| Habitacional | Construir e administrar conjuntos habitacionais para os cooperados, essa é a missão das cooperativas habitacionais. Conta com grupos de pessoas que se reúnem para esse fim é ter um grande aliado no desenvolvimento social e econômico dos cooperados e das comunidades. |
| Produção | Cooperativas dedicadas à produção de um ou mais tipos de bens e produtos. As cooperativas detêm os meios de produção e os cooperados contribuem com trabalho conjunto. |
| Mineral | Pesquisar, extrair, lavar, industrializar, comercializar, importar e exportar produtos minerais. As cooperativas deste ramo são responsáveis por todos os processos da atividade mineradora, além de se comprometerem a cuidar da saúde e educação de seus associados. |
| Trabalho | Reúne profissionais de uma mesma categoria em torno de uma cooperativa para melhorar a remuneração e as condições de trabalho do grupo de associados, ampliando sua força no mercado. |
| Saúde | Reúne cooperativas que podem ser formadas por médicos, dentistas, outros profissionais da saúde e até pelos próprios usuários. O segmento surgiu no Brasil e se expandiu para outros países. |

| | |
|------------------------|--|
| Turismo e Lazer | Este ramo reúne as cooperativas que prestam serviços de entretenimento para seus associados. De viagens a eventos artísticos e esportivos. Busca-se oferecer opções mais baratas e educativas. |
| Transporte | Cooperativas que atuam na prestação de serviços de transporte de cargas e passageiros. Essas cooperativas têm gestões específicas para cada uma de suas modalidades: transporte individual (táxi e moto táxi), transporte coletivo (vans, micro-ônibus e ônibus), transporte de cargas ou moto frete e transporte escolar. |

Fonte: Adaptado da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB 2019).

A entidade cooperativa tem papel fundamental para o desenvolvimento da agricultura familiar e das práticas cooperativistas no campo. Por meio dela que as famílias rurais buscam reunir-se entre si para cooperar e evoluir nas atividades agropecuárias e por melhores condições de vida. Na visão de Lauschner (1994), a cooperativa agropecuária pode reunir associados, produtores autônomos e/ou em conjunto que formam unidades produtivas comuns. Seja qual for à cooperativa, o cooperativismo é um modelo de economia solidária que procura maximizar o predomínio do fator trabalho sobre o fator capital.

Ao apresentar o referencial teórico com seus pressupostos, a próxima parte refere-se aos procedimentos metodológicos adotados na pesquisa, a fim de relatar os processos e as técnicas utilizadas para o referido estudo.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta parte refere-se aos procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa, de modo a evidenciar os fatos, determinar os processos e concretizar as etapas que compõe o estudo. Quanto ao método da pesquisa, Marconi e Lakatos (2010) afirmam que é um conjunto de atividades sistemáticas e racionais que permitem alcançar os objetivos de maneira mais segura, detectando erros para que os conhecimentos obtidos sejam verdadeiros.

A seguir apresentam-se a classificação da pesquisa; unidade de análise, sujeitos da pesquisa; coleta de dados, análise e interpretação dos dados, e por fim, a trajetória da pesquisa.

3.1. CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

O presente estudo classifica-se em termos de abordagem, como pesquisa qualitativa, em decorrência de interessar-se em analisar as percepções dos agricultores familiares associados em cooperativa quanto às contribuições do cooperativismo para o desenvolvimento da agricultura familiar na comunidade rural Colônia Cella de Chapecó/SC. Buscou-se também caracterizar a comunidade pesquisada e identificar as principais cooperativas atuantes nela. Na visão de Silveira e Córdova (2009), a pesquisa qualitativa não se preocupa com a representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.

Para Vergara (2013) a pesquisa têm dois critérios de classificação, quanto aos fins e quanto aos meios. Quanto aos fins, a pesquisa apresenta-se como descritiva. Na visão de Vergara (2013) ela estabelece correlações entre variáveis e define sua natureza. Deste modo, foi caracterizada a comunidade rural Colônia Cella, identificado as principais cooperativas que atuam nela e descrito as percepções dos agricultores familiares associados em cooperativa quanto às contribuições do cooperativismo para o desenvolvimento da agricultura familiar na comunidade rural. Quanto aos meios, ela é bibliográfica, documental e de campo. Bibliográfica pelo fato de recorrer a materiais teóricos publicados em artigos científicos, livros, revistas e meios eletrônicos que tratam do assunto. A investigação é documental, pois foram utilizados documentos fornecidos pela comunidade rural de Colônia Cella, pela Secretaria de Desenvolvimento Rural e Meio Ambiente de Chapecó/SC, Prefeitura Municipal de Chapecó/SC e em sites das próprias Cooperativas. A pesquisa documental conforme Gil

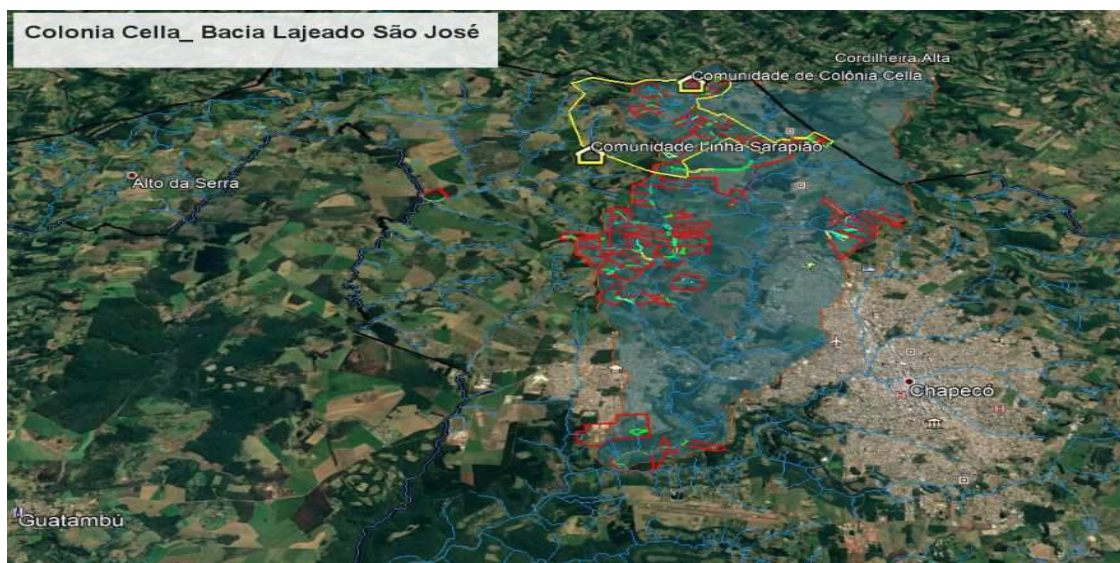
(2010) vale-se de toda a sorte de documentos, elaborados por finalidades diversas, tais como: assentamentos, autorização, comunicação, etc. E a pesquisa de campo sendo realizada por meio de visitas nas propriedades rurais dos entrevistados, a fim de obter informações necessárias para o referido estudo. Marconi e Lakatos (2010) afirmam que a pesquisa de campo é utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta.

Apresentada a classificação da pesquisa, o próximo passo é definir a unidade de análise.

3.2. UNIDADE DE ANÁLISE

A unidade de análise desta pesquisa é a comunidade rural Colônia Cella localizada na região norte do município de Chapecó/SC, próximo à rodovia BR 282 acesso ao extremo Oeste Catarinense. Ela possui aproximadamente 66 famílias que vivem da agricultura familiar e possui uma dimensão territorial com cerca de 1388 hectares de terra. A Figura 1 mostra a localização da comunidade rural Colônia Cella e sua respectiva dimensão territorial, (traçada na cor amarela), identificando também a Bacia Hidrográfica pertencente ao Lajeado São José, (cor azul claro do mapa) e as propriedades que participaram do programa de gestão ambiental (cor vermelha do mapa) promovido pela Secretaria de Desenvolvimento Rural e Meio Ambiente de Chapecó/SC, abrangendo o território da comunidade.

Figura 1 – Mapa do Território da Comunidade Rural Colônia Cella



Fonte: Imagem do Google Earth, 2019.

De acordo com o Plano de Desenvolvimento Rural do Município de Chapecó/SC (2015), o município de Chapecó/SC possui 512,36 km² de perímetro rural. Deste perímetro, se divide cinco distritos, sendo eles: Distrito Sede; Distrito do Góio-En; Distrito de Figueira; Distrito de Alto da Serra e por fim; Distrito de Marechal Bormann. A comunidade rural Colônia Cella faz parte do Distrito Sede (316,26 km²) juntamente com outras comunidades. Quanto aos sujeitos da pesquisa que fazem parte da unidade de análise, os mesmos são descritos na próxima seção.

3.3. SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos da pesquisa foram selecionados de modo intencional e por acessibilidade. Intencional pelo fato do pesquisador definir os agricultores considerando os critérios de gênero e de faixa etária. E por acessibilidade devido ao fácil acesso e afinidade aos associados pertencentes a pesquisa. Conforme Vergara (2013), é possível selecionar pessoas pela facilidade de acesso a elas. Para a composição da amostra do universo da análise, foram utilizados: três critérios de seleção, dois tipos de amostragem, denominações as quais os respondentes serão retratados e a quantidade de respondentes para cada critério, conforme apresentados no Quadro 3:

Quadro 3 – Critérios para a Seleção de Agricultores Familiares Associados em Cooperativas

| Nº | Critérios | Tipo de Amostragem | Denominação dos respondentes – Nota | Cooperativas |
|----|--|------------------------------|-------------------------------------|---|
| 1º | Agricultores/Homens associados em cooperativa. | Intencional e Acessibilidade | Agricultor H1 | Cooperalfa; Sicoob MaxiCrédito. |
| | | | Agricultor H2 | Cooperalfa; Sicoob MaxiCrédito. |
| | | | Agricultor H3 | Cooperalfa; Sicoob MaxiCrédito; Cresol Central SC/RS. |
| | | | Agricultor H4 | Cooperalfa; Sicoob MaxiCrédito. |
| | | | Agricultor H5 | Cresol Central SC/RS. |
| 2º | Agricultoras/Mulheres associadas em cooperativa. | Intencional e Acessibilidade | Agricultora M1 | Cooperalfa; Cresol Central SC/RS; Sicoob MaxiCrédito. |
| | | | Agricultora M2 | Cooperalfa; Sicoob MaxiCrédito. |
| | | | Agricultora M3 | Cooperalfa; Sicoob MaxiCrédito. |

| | | | | |
|----|--|------------------------------|------------------------|--------------------------------------|
| | | | Agricultora M4 | Cresol Central SC/RS |
| | | | Agricultora M5 | Cooperalfa; Sicoob MaxiCrédito. |
| 3º | Agricultores(as)/Jovens associados(as) em cooperativa. | Intencional e Acessibilidade | Agricultor(a) Jovem J1 | Cooperalfa. |
| | | | Agricultor(a) Jovem J2 | Cooperalfa; Sicredi Alto Uruguai. |
| | | | Agricultor(a) Jovem J3 | Cooperalfa; Sicredi Alto Uruguai. |
| | | | Agricultor(a) Jovem J4 | Cooperalfa; Sicoob MaxiCrédito. |
| | | | Agricultor(a) Jovem J5 | Cooperalfa. |

Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

Nota: Nos depoimentos são utilizadas as denominações descritas no quadro, preservando a identidade dos respondentes da pesquisa.

Os sujeitos (15) participantes da pesquisa pertencem a diferentes famílias, significando uma representação de 25% da comunidade rural Colônia Cella. Todos os entrevistados habitam na comunidade rural estudada, no entanto, não significa que todos trabalham diariamente nas atividades da propriedade familiar, no caso dos jovens/filhos(as) de associados que em determinados períodos do dia estudam no meio urbano.

No Quadro 4 consta o perfil dos entrevistados com suas respectivas informações: gênero, faixa etária, escolaridade, estado civil, composição familiar e etnia.

Quadro 4 – Perfil dos Sujeitos da Pesquisa

| Perfil dos Entrevistados – (15 Sujeitos da Pesquisa) | | | |
|---|-----------------------------|-----------|----------|
| Perguntas | Perfil | Nº | % |
| Gênero | Masculino | 9 | 60 |
| | Feminino | 6 | 40 |
| Faixa Etária | De 20 a 30 anos | 5 | 33 |
| | De 31 a 40 anos | 2 | 14 |
| | De 41 a 50 anos | 5 | 33 |
| | Acima de 50 anos | 3 | 20 |
| Escolaridade | Ensino Fundamental Completo | 5 | 33 |
| | Ensino Médio Completo | 4 | 27 |
| | Ensino Superior Completo | 6 | 40 |
| Estado Civil | Solteiro (a) | 4 | 26 |
| | Casado (a) | 10 | 67 |
| | União Estável | 1 | 7 |
| Composição Familiar | Até duas pessoas | 3 | 20 |
| | De Três a Quatro Pessoas | 9 | 60 |
| | Acima de Quatro Pessoas | 3 | 20 |
| Etnia | Italiana | 15 | 100 |

Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

Ao definir os sujeitos da pesquisa, a próxima etapa consiste em apresentar a maneira que concederá a coleta dos dados e suas devidas ferramentas.

3.4. COLETA DE DADOS

A organização metodológica para a realização da coleta dos dados encontra-se ilustrada no Quadro 5, que relaciona os objetivos específicos, os procedimentos técnicos e respectivos instrumentos, além das fontes primárias e secundárias, com seus respectivos períodos de desenvolvimento das atividades.

Quadro 5 – Organização metodológica da pesquisa

| Objetivos Específicos | Procedimentos Metodológicos | Fonte | Período |
|---|--|--|-------------------------------|
| Caracterizar a comunidade rural Colônia Cella de Chapecó/SC. | Pesquisa Documental. | Site da Prefeitura Municipal de Chapecó/SC; Livro e Documentos da comunidade rural Colônia Cella; Documentos da Secretaria de Desenvolvimento Rural e Meio Ambiente de Chapecó/SC. | 15/02/2019 a 31/03/2019 |
| Identificar as principais cooperativas que atuam na comunidade rural Colônia Cella de Chapecó/SC. | Pesquisa Documental; Pesquisa de Campo com roteiro de entrevista. | Site das Cooperativas que possuam associados na comunidade rural Colônia Cella; Entrevista com associados da comunidade rural Colônia Cella. | 01/04/2019 a 25/04/2019 |
| Descrever as percepções de agricultores familiares associados em cooperativa sobre as contribuições do cooperativismo para o desenvolvimento da agricultura familiar. | Pesquisa de Campo com roteiro de entrevista. | Entrevista com associados de Cooperativa que moram na comunidade rural Colônia Cella; | 20/04/2019 a 10/05/2019 |

Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

Para a coleta de dados elaborou-se um roteiro de entrevista semiestruturado que possibilitou identificar as cooperativas que fazem parte da vida dos pesquisados e descrever as percepções dos mesmos quanto às contribuições das cooperativas e do cooperativismo para o desenvolvimento da agricultura familiar. Para auxiliar na entrevista, desenvolveu-se um

roteiro de perguntas semiabertas que conforme exposto por Vergara (2009) se baseia em perguntas que permitem inclusões, exclusões e explicações ao entrevistado dando a ele flexibilidade na hora de responder. O referido roteiro da entrevista consta em Apêndice.

O roteiro de entrevista está organizado em quatro blocos de perguntas, na qual o primeiro aponta o perfil dos respondentes, o segundo a estrutura da propriedade familiar, o terceiro refere-se ao cooperativismo e o quarto e último bloco evidencia as contribuições do cooperativismo para o desenvolvimento da agricultura familiar. Elas foram realizadas entre a segunda quinzena de abril até a primeira quinzena de maio de 2019, nos períodos diurnos, por agendamento. Vale ressaltar que o pesquisador pertence à comunidade em questão, facilitando a obtenção dos dados devido a sua proximidade com os respondentes da pesquisa.

Outra técnica utilizada juntamente com a entrevista foi à observação assistemática, que na visão de Marconi e Lakatos (2010), consiste em recolher e registrar os fatos da realidade sem que o pesquisador utilize meios técnicos especiais ou precise fazer perguntas diretas. Esta técnica agrega valor para a coleta de dados pelo fato do entrevistador fazer parte da realidade da agricultura familiar na comunidade em que a pesquisa foi desenvolvida. Desta forma, pelo fato das entrevistas ocorrerem nas propriedades dos entrevistados, foi possível coletar algumas informações por meio da observação, sem a utilização de ferramentas técnicas ou métodos científicos.

Posterior a esta etapa, torna-se importante descrever como foi realizada a análise e interpretação dos dados.

3.5. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A análise e interpretação dos dados conforme apresentado por Severino (2007) leva em consideração a construção ou síntese inteligente das ideias de acordo com as exigências racionais da sistematização própria do trabalho. Diante disso, a análise dos dados ocorreu mediante a transcrição das entrevistas dos sujeitos da pesquisa e da análise bibliográfica.

Os dados obtidos na entrevista foram descritos e preparados para a análise. Utilizou-se do desenvolvimento da análise de conteúdo que conforme Marconi e Lakatos (2011) consiste na tentativa de evidenciar as relações existentes entre o fenômeno estudado e outros fatores, essas relações podem ser estabelecidas em função de suas propriedades relacionais de causa-efeito. Uma vez coletado os dados, se analisa as informações visando gerar conhecimentos para solucionar o problema de pesquisa e assim, para alcançar os objetivos propostos.

A análise dos dados é feita através da análise do conteúdo obtida pelas informações fornecidas durante as entrevistas. Os embasamentos metodológicos utilizados para a análise de conteúdo são de Bardin (2016), que define como um conjunto de instrumentos metodológicos que se aplicam aos discursos. O fator comum das técnicas é proporcionar uma interpretação controlada que se baseia na inferência. Bardin (2016) organiza a análise de conteúdo em três etapas: 1) A pré-análise; 2) A exploração do material; e 3) Tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

1) A pré-análise: nesta fase tem-se por objetivo sistematizar e tornar operacional as ideias iniciais, de modo a conduzir um esquema preciso de desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise. Deste modo, nesta etapa ocorreu a transcrição das entrevistas, obtendo o contato prévio das informações coletadas. Neste momento foram organizados os dados e após, realizado uma leitura “flutuante” para conhecer o texto tornando-o mais compreensível. Na sequência foram selecionados e organizados os documentos a serem submetidos aos procedimentos analíticos de modo que os mesmos sejam representativos ao universo inicial. Estes passos apresentados consistem na primeira etapa dos procedimentos da análise de conteúdo.

2) A exploração do material: Esta fase, longa e fastidiosa, compõe essencialmente as operações de codificação, decomposição ou enumeração em função de regras previamente formuladas. Diante disso, após serem realizadas as descrições das entrevistas e a observação assistemática, o próximo passo é codificar as informações, por meio de quadros comparativos e estruturas textuais. A codificação corresponde em transformar os dados brutos do texto, permitindo atingir uma representação do conteúdo. Nesta pesquisa foi utilizada a análise de ordem semântica, na qual busca distinguir os temas em categorias temáticas, e estes, organizados por semelhança de sentido, de modo que aborde as variáveis relacionadas ao problema de pesquisa.

3) Tratamento dos resultados obtidos e interpretação: Os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos e válidos. Portanto, vale-se de operações que permitam estabelecer quadros, diagramas, figuras e modelos os quais condensam as informações fornecidas pela análise. Com a pré-análise dos dados e exploração do material, possibilita identificar os trechos relevantes e representativos, com indagações e opiniões predominantes entre os entrevistados. Foi necessário realizar análise crítica e reflexiva das informações obtidas nas entrevistas.

Para finalizar os procedimentos metodológicos da pesquisa, a seguir apresenta-se a trajetória da pesquisa propriamente dita.

3.6. TRAJETÓRIA DA PESQUISA

A trajetória da pesquisa deu-se visando analisar as contribuições do cooperativismo para o desenvolvimento da agricultura familiar na comunidade rural Colônia Cella de Chapecó/SC. O estudo foi desenvolvido com indivíduos que moram na comunidade e que possuem conhecimentos a respeito do estudo proposto. A comunidade rural Colônia Cella escolhida para a elaboração da pesquisa está entre as mais antigas comunidades do município de Chapecó/SC, possuindo forte influência na formação, desenvolvimento e povoamento do município. Por este motivo, destaca-se a importância em caracterizar a comunidade estudada para familiarizar o leitor quanto à realidade da comunidade e sua relação com as cooperativas.

Compreender a maneira com que se devem conduzir os procedimentos metodológicos permite facilitar o entendimento e a essência da pesquisa. Assim, quanto à condução da entrevista, Luna (2005) afirma que a cada decisão tomada pelo pesquisado abre-se novos caminhos de informações que podem fugir daquelas propostas pelo trabalho. Portanto, o pesquisador deve estar preparado para manter o foco do estudo, de modo que possibilite aproveitar todas as informações coletadas.

A pesquisa além de contribuir para o presente estudo oportunizou o pesquisador dirigir-se as propriedades rurais e visitar as famílias, algumas delas, pouco frequentadas pelo pesquisador, possibilitando constituir uma relação amigável. O pesquisador foi bem recebido pelos moradores, deixando de ser apenas um momento de coleta de dados, mas sim, um momento de descontração, diálogo e convivência.

Dentre as dificuldades enfrentadas na pesquisa de campo, salienta-se: encaixar os horários do pesquisador com o horário dos entrevistados, precisando um período maior para a realização da coleta dos dados e a dificuldade de alguns entrevistados responderem exatamente a questão solicitada, necessitando ao pesquisador desenvolver a mesma pergunta de maneiras diferentes. Entretanto, estes fatores não prejudicaram os resultados apresentados.

Portanto, esta parte preocupou-se em apresentar a maneira com que os procedimentos metodológicos foram executados, indicando a trajetória da pesquisa para o alcance dos objetivos propostos. Assim, a próxima parte apresenta os resultados da pesquisa.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta parte do TCC são apresentados os resultados da pesquisa que estão organizados da seguinte forma: 1) A comunidade rural Colônia Cella de Chapecó/SC; 2) As principais cooperativas atuantes na comunidade rural Colônia Cella; e por fim, 3) A percepção dos Agricultores(as) homens, mulheres e jovens associados em cooperativa sobre as contribuições do cooperativismo para o desenvolvimento da agricultura familiar.

4.1. A COMUNIDADE RURAL COLÔNIA CELLA DE CHAPECÓ/SC

Para caracterizar a comunidade rural Colônia Cella, subdivide-se quatro aspectos, sendo eles: históricos, geográficos e econômicos, sociais, e culturais. O primeiro aspecto a ser evidenciado é o histórico, contemplando o surgimento e processo evolutivo da comunidade rural. Em seguida, evidencia os aspectos geográficos e econômicos, seguido dos aspectos sociais, e por fim, os aspectos culturais.

4.1.1. Aspectos Históricos

Ao longo dos anos, descendentes da família Cella buscaram resgatar a história, os costumes e a origem da família. A partir destas investigações, buscou-se também descobrir a constituição da comunidade rural Colônia Cella, uma das pioneiras e responsáveis pelo desenvolvimento e colonização do município de Chapecó/SC. Diversos relatos foram desenvolvidos visando obter registros e informações concretas acerca das famílias que fundaram a comunidade interiorana.

Em 2015 foi elaborado um livro por Sadi Cella, retratando a origem da família Cella. Neste livro contempla a árvore genealógica com os nove ramos do tronco de Luigi Cella e Regina Bucciol Cella, que vieram da Itália para o Brasil, mais especificamente no estado do Rio Grande do Sul. Seus netos foram os desbravadores da localidade de Colônia Cella, Chapecó/SC. O livro traz também registros como: o nome dos ascendentes e descendentes de Luigi Cella, o processo de imigração (Itália para o Brasil), os encontros da família Cella e demais informações voltadas para a comunidade e para a família.

De acordo com dados históricos fornecidos no site da Família Cella (2019), devido as dificuldades que a família enfrentava na Itália e da possibilidade de conquistas no Brasil, Luigi Cella e familiares chegaram ao país no dia 10 de março de 1887 e se estabeleceram na

Linha 3, em Alfredo Chaves/RS, próximo de Guaporé/RS, na qual viveram unidos na região durante 34 anos. Ao longo do tempo, parte da família migrou para Santa Catarina com carroças puxadas por mulas, levando mais de 10 dias de viagem. Dentre os familiares estava Giovanni Cella (Filho de Luigi Cella) que conhecia o Coronel Ernesto Bertaso, responsável pela empresa colonizadora da época. O Coronel Bertaso havia adquirido parte das terras do Coronel Maia e estava com medo de não conseguir pagá-las. Assim, ofereceu 100 colônias de terra na Linha Formosa para Giovanni, que escolheu as que possuíam água, localizadas entre os rios Ouro e Antas e mais 42 colônias no Passo dos Índios, atualmente pertencente ao município de Chapecó/SC.

Conforme afirma Favaretto (2015), o surgimento da comunidade rural Colônia Cella ocorreu com a chegada de Vitório Cella e seu irmão Luiz Cella (familiares de Giovanni Cella) na localidade em 29 de julho de 1923. Vitório, Luiz e suas famílias levaram 15 dias para percorrer o trajeto até Colônia Cella, Chapecó/SC. Diversas dificuldades enfrentaram na viagem, além de incertezas daquilo que os esperavam. Em suas terras, construíram as casas, serraria, escola e igreja. Plantaram milho, arroz, mandioca, criaram porcos e gados. E assim, devido à família Cella ter desbravado as terras locais, escolheu-se o nome de “Colônia Cella” para a comunidade rural que começava a surgir. A Figura 2 retrata a primeira família a se instalar na comunidade rural Colônia Cella de Chapecó/SC.

Figura 2 – Família de Luiz Cella – Primeiro Morador de Colônia Cella em 1923



Fonte: Página do site da Família Cella, 2015¹.

¹ Disponível em: http://www.familiacella.com.br/?link=fotos_diversas. Acesso em: 23 abr. 2019.

Ao instalarem-se na localidade, Vitório Cella e Luiz Cella passaram a incentivar novas famílias a habitar a região. A organização comunitária seguia as tradições italianas. O terço era rezado todas as noites pelo chefe da família. Aos domingos as famílias se reuniam na casa de Alécio Cella para a oração do terço. A fé sempre esteve presente na família, pois acreditavam na proteção de Deus para superar as dificuldades. Em 1933 foi construída a primeira casinha utilizada como igreja e escola, dividindo o mesmo espaço até o ano de 1962 (FAVARETTO, 2015). A Figura 3 retrata a inauguração da igreja de Colônia Cella (Capela São Paulo) com alguns moradores da comunidade no ano de 1962.

Figura 3 – Inauguração da Capela São Paulo – Colônia Cella em 1962



Fonte: Página do site da Família Cella, 2015².

Com o passar dos anos, da comunidade de Colônia Cella se desmembraram os bairros: Belvedere e Trevo; e as linhas Sarapião e Campina do Gregório. A comunidade rural Colônia Cella atualmente é formada por muitas famílias, principalmente de agricultores familiares que compraram pequenas áreas de terra para se instalarem e desenvolverem a agricultura e a pecuária. Pelo fato de ser uma comunidade constituída por propriedades familiares, utilizam do trabalho próprio para garantir a subsistência e gerar renda, buscando fortalecer a comunidade no âmbito econômico, social, político e cultural no município de Chapecó/SC.

No decorrer dos anos, as propriedades foram se estruturando e as famílias passaram a melhorar suas condições de vida. Com o aumento da produção de alimentos, os proprietários

² Disponível em: <http://www.familiacella.com.br/?link=historico>. Acesso em: 23 abr. 2019.

começaram a preocupar-se em comercializar os alimentos que sobravam do consumo familiar. Sendo assim, uniram-se com outros proprietários rurais de comunidades vizinhas do município de Chapecó/SC para constituir uma organização integrada, na qual receberia a produção agrícola para ser comercializada em diversos municípios da região catarinense. A partir deste período que as cooperativas agrícolas (mencionadas no referencial teórico deste estudo) passam a ser incorporadas no desenvolvimento do oeste catarinense, por volta de 1967, servindo para escoar a produção de alimentos das propriedades rurais.

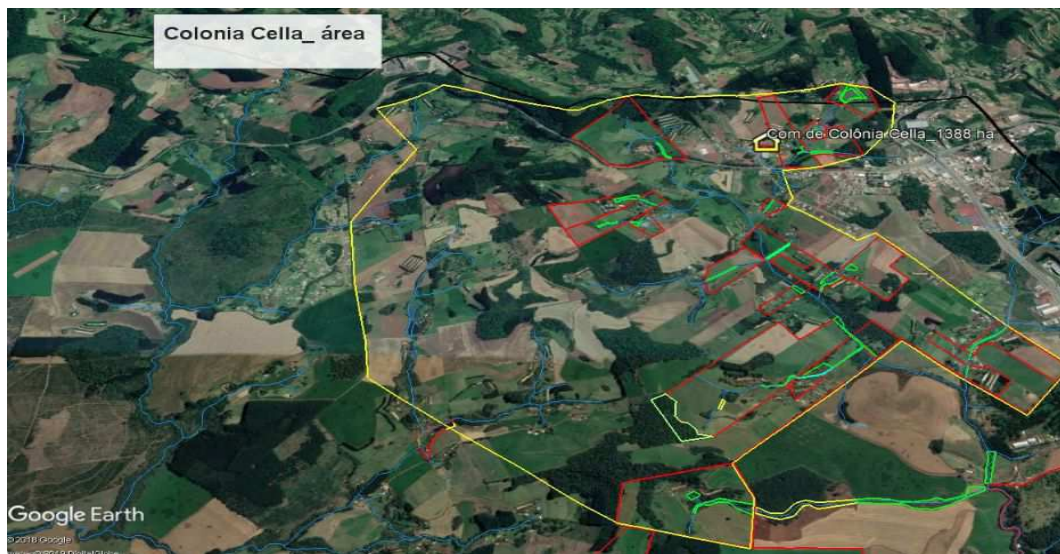
Diante deste contexto histórico e compreendendo as origens da comunidade rural Colônia Cella e suas peculiaridades, a seguir serão descritos os aspectos que fazem parte do tripé da sustentabilidade (econômico, social, cultural) e que são às bases da formação comunitária.

4.1.2. Aspectos Geográficos e Econômicos

Dados da Secretaria de Desenvolvimento Rural e Meio Ambiente do município de Chapecó/SC (2019) apontam que Colônia Cella possui cerca de 66 famílias produtoras agrícolas que trabalham na propriedade familiar. A extensão territorial da comunidade rural é de aproximadamente 1388 hectares de terra, abrangendo propriedades familiares de pequeno porte, com menos de 50 hectares de terra, números estes, apresentados pela Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário (2016). Não é possível afirmar exatamente a dimensão territorial da comunidade e o número de famílias pertencentes a ela em virtude da falta de registros concretos que tratam destas informações. No entanto, pode-se traçar o limite territorial aproximado conforme a quantidade aproximada de agricultores e os limites territoriais das comunidades vizinhas.

A Figura 4 ilustra a área aproximada da comunidade rural Colônia Cella.

Figura 4 – Mapa da Área aproximada da Comunidade Rural Colônia Cella



Fonte: Google Earth, 2019.

Nota: Secretaria de Desenvolvimento Rural e Meio Ambiente de Chapecó/SC, 2019.

Os setores produtivos que movimentam a economia em Colônia Cella advêm da produção de grãos (milho, soja, trigo) e da atividade leiteira. Estes setores produtivos prevalecem em decorrência da estrutura organizacional das propriedades rurais e as condições de relevo, clima e fertilidade do solo, facilitando a utilização de maquinários agrícolas nas lavouras e na criação de gado. No entanto, não são apenas destes recursos que a economia é movida. Outros setores produtivos também fazem parte das estimativas econômicas de Colônia Cella, sendo elas: suinocultura, avicultura, vinícola, gado de corte, ovinocultura, caprinocultura, entre outras atividades.

Os fatores econômicos são importantes tanto para manter a comunidade unida em busca de seu desenvolvimento, como para estimular o crescimento e aperfeiçoamento das propriedades que produzem os alimentos. Sendo assim, Singer (2003) afirma que a economia solidária assume na maioria das vezes uma postura de combate ao desemprego e a inserção social. Uma das maneiras desta ocorrência é através da organização das pessoas em cooperativas, visando à prática da autogestão e a solidariedade. Esta organização que visa à cooperação das famílias esta presente no meio social da comunidade rural Colônia Cella.

A Figura 5 mostra o centro comunitário de Colônia Cella, espaço que preserva os traços do passado e proporcionam novos laços econômicos, sociais e culturais.

Figura 5 – Centro Comunitário de Colônia Cella em 2019



Fonte: Página da empresa Focco imagens aéreas no Facebook, 2019³.

No tocante aos aspectos geográficos e econômicos, a comunidade rural Colônia Cella conta com a participação de instituições cooperativas para auxiliar o processo de desenvolvimento das propriedades rurais, tanto no setor produtivo, quanto para a prestação de serviços de crédito bancário. A presença das cooperativas permite que a agricultura familiar esteja amparada e atenta as oscilações de mercado. Estas questões remetem as percepções de Almeida (1995), Giarraca (2001) e Radin e Corazza (2018) que o meio rural possui grande potencial econômico, social, cultural e patrimonial, na qual deve ser transformado em forças sociais para o desenvolvimento. Além disso, é importante aderir políticas voltadas para a agricultura que vise recuperar a produtividade e a potencialidade das terras e dos recursos naturais, favorecendo o patrimônio natural do meio rural e tornando a agricultura familiar uma forma social adequada a agricultura moderna.

Quanto às questões voltadas para a sociedade rural e sua formação, a seguir apresentam-se os aspectos sociais desenvolvidos na comunidade rural Colônia Cella.

³ Disponível em: https://www.facebook.com/pg/foccoimagensaereas/photos/?ref=page_internal. Acesso em: 20 abr. 2019.

4.1.3. Aspectos Sociais

A comunidade rural Colônia Cella é formada por diversos grupos que buscam a integração das famílias participantes do meio comunitário. Estes grupos foram constituídos com o intuito de proporcionar uma estrutura comunitária inerente ao coletivo e bem organizada. Pode-se destacar a constituição dos seguintes grupos: grupo de dança italiana, grupo de jovens, grupo de terceira idade, grupo de mães, catequese, grupo de ministros e grupo de teatros.

Pelo fato de ser uma comunidade antiga no município, fundada seis anos depois de Chapecó/SC, é possível afirmar que ela está bem estruturada em termos de assistência social e infraestrutura. Ela conta com um posto de saúde que oferece atendimentos básicos às pessoas, como: coleta de sangue, aferir pressão, realizar curativos, atendimento odontológico e distribuição de remédios. Possui agentes de saúde, que visitam mensalmente as famílias para coletar informações, prestar atendimentos e esclarecimentos. O posto de saúde está localizado no bairro Trevo, após seu desmembramento de Colônia Cella.

Para o bem-estar das pessoas que moram na comunidade de Colônia Cella, ela conta com o serviço de professores de educação física contratados pela prefeitura municipal de Chapecó/SC para desenvolver atividades físicas no centro comunitário, como: alongamentos, musculação e corridas. As mulheres são as principais frequentadoras do programa, na qual ocorre nas terças-feiras a tarde, entre os horários das 14:00 as 16:00. Esta ação social eleva a qualidade de vida dos agricultores e demais moradores da comunidade, contribuindo na autoestima e disposição para o desenvolvimento das atividades do campo.

Quanto à educação, as crianças e adolescentes de Colônia Cella e bairros vizinhos frequentam a Escola Estadual de Educação Básica Alécio Alexandre Cella (ensino fundamental) localizada no bairro Trevo, porém o terreno pertencia à comunidade de Colônia Cella, doado por Giocondo José Cella. De acordo com o Projeto Político Pedagógico (2016) da escola, entre os anos de 2011 a 2014, mais de 950 alunos foram matriculados no colégio, usufruindo dos 9.999,95 m² de extensão territorial. A Figura 6 demonstra o hall de entrada da escola, a qual foi construída em 1976.

Figura 6 – Escola de Educação Básica Alécio Alexandre Cella em 2018



Fonte: Página da Escola de Educação Básica Alécio Alexandre Cella no Facebook, 2018⁴.

A comunidade de Colônia Cella mantém suas condições sociais com suporte educacional, saúde e lazer. Pode-se ressaltar também a presença das cooperativas neste círculo comunitário, integrando seus associados no modelo cooperativista e contribuindo para o desenvolvimento das famílias no campo. Uma das maneiras que as cooperativas manifestam suas ações sociais na comunidade é por meio de eventos e palestras voltadas para a agricultura familiar, direcionada para a produção de alimentos e prestação de serviços. Além de fornecerem suporte técnico para as famílias e possibilitarem o apoio em eventos realizados pela comunidade, em que abrange a população em geral.

Deste modo, ao apresentar os aspectos sociais presentes na comunidade, a seguir serão apontados os aspectos culturais presentes nela. Considera-se a influência das cooperativas para o processo de desenvolvimento comunitário e formulação das crenças e costumes que envolvem a cultura local.

4.1.4. Aspectos Culturais

Atualmente a comunidade rural Colônia Cella zela pela sua origem, preservando as características culturais advindas da geração passada e que foi o marco de superação, luta e desenvolvimento. Com a chegada de novas famílias, a comunidade foi se enriquecendo de

⁴ Disponível em: https://www.facebook.com/pg/alecioacella/photos/?ref=page_internal. Acesso em: 25 abr. 2019.

novos costumes, crenças e tradições, formando um povoado heterogêneo de etnias, como: italiana; alemã; cabocla; e polonesa.

A comunidade preserva essencialmente a cultura italiana pelo fato de ser a etnia pioneira do local. Podem-se destacar alguns costumes característicos das famílias locais, como: culinária; religiosidade e o dialeto italiano. Além disso, para manter viva a história dos antepassados, a comunidade conta com um Museu (Museu de Cultura Eugênio Milan) com diversas ferramentas, equipamentos e peças religiosas. As imagens apresentadas na Figura 7 ilustram a cultura italiana mantida pela comunidade.

Figura 7 – Tradição Italiana preservada pela Comunidade Rural Colônia Cella



Fonte: Adaptado pelo autor, 2019.

Quanto aos aspectos voltados para a culinária, Colônia Cella realiza todos os anos um jantar dançante italiano, na qual, além de serem servidas as refeições típicas italianas, também ocorrem apresentações do grupo de dança da comunidade. A culinária italiana não se encontra apenas nos eventos promovidos pela comunidade, mas nas casas dos proprietários rurais. Algumas comidas típicas consumidas pelas famílias são: lasanha; macarrão; polenta; queijo frito; salame frito, fortaia, agnolini e tortéi.

Quanto à religião, ela é o alicerce e o centro da conservação do modelo comunitário. É nela que os colonizadores buscaram as razões para sobreviver, terem força para enfrentar as dificuldades e descobrir novas terras. É neste sentido que hoje se mantem o espírito religioso nas comunidades rurais, não apenas em Colônia Cella, mas também nas demais comunidades que foram surgindo ao longo dos anos. A religião predominante na comunidade é a católica, entretanto, atualmente outras crenças dividem espaço, como por exemplo: evangélica e

luterana. No centro comunitário está construída a igreja, local que ocorrem as celebrações de culto e missa nos domingos de manhã e eventualmente nos sábados a noite. Outros momentos de orações são desenvolvidos pelas famílias da religião católica, como por exemplo: circo bíblico e encontros litúrgicos.

O dialeto conhecido como “Talian” falado pelos descendentes de italianos que moram no Brasil, também está sendo preservado por algumas famílias de Colônia Cella, principalmente naquelas que moram pessoas idosas. Estas famílias utilizam do dialeto para comunicar-se no dia-a-dia, especialmente como familiares, vizinhos e amigos. Ao participar do meio comunitário, é possível identificar expressões utilizadas apenas na comunidade e em localidades próximas, sendo um aspecto cultural da própria região.

Em meio aos aspectos culturais apresentados, pode-se destacar que eles influenciam na constituição de cooperativas. A maneira que as cooperativas são formadas depende do comportamento cultural de cada região, desta forma, o cooperativismo se adequa conforme o os preceitos das pessoas que o utilizam, de modo que as cooperativas possam retornar esses preceitos a seus cooperados de maneira efetiva, atendendo suas exigências. Estes ideais vão ao encontro dos argumentos de Baquero (2003), na qual afirma que o capital social é diferente de outros tipos de capital humano, pelo fato de ser transmitido por mecanismos culturais, tais como: religião, tradição, hábitos históricos, costume e sobrevivência. Os traços culturais não podem ser extintos do meio comunitário, de modo que seus valores sejam preservados, pois o capital social é a principal riqueza humana, e por meio dela se molda a cultura local.

Portanto, nesta parte do estudo buscou-se responder ao primeiro objetivo proposto pela pesquisa e sendo um elemento de capital social fundamental para a existência da cooperação, definido como: caracterização da comunidade rural Colônia Cella de Chapecó/SC. Pode-se afirmar a importância dos aspectos analisados para a constituição da comunidade rural. Quanto às cooperativas que possuam associados na comunidade rural Colônia Cella, as mesmas são abordadas a seguir, identificando suas diretrizes organizacionais, descrevendo sua trajetória e apontando as relações que possui com as famílias associadas de Colônia Cella, de modo a tornar clara a importância que a cooperativa tem para o desenvolvimento da agricultura familiar local.

4.2. PRINCIPAIS COOPERATIVAS ATUANTES NA COMUNIDADE RURAL COLÔNIA CELLA

Nesta parte da apresentação e discussão dos resultados, busca-se identificar as principais cooperativas que atuam na comunidade rural Colônia Cella, descrevendo suas influências para o processo de desenvolvimento da agricultura familiar na comunidade pesquisada. A seguir apresentam-se as cooperativas e seus respectivos princípios e valores.

Quadro 6 – Cooperativas atuantes na Comunidade Rural Colônia Cella, Chapecó/SC

| Cooperativas | Princípios e Valores |
|---|---|
| Cooperativa Central Aurora Alimentos | <p>Missão: Valorizar a qualidade de vida no campo e na cidade, produzindo alimentos de excelência.</p> <p>Visão: Ser referência como cooperativa fornecedora de alimentos.</p> <p>Valores:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ética; • Qualidade; • Confiança; • Cooperação; • Sustentabilidade. |
| Cooperativa Agroindustrial Alfa | <p>Missão: Gerar valor ao agronegócio, por meio da cooperação.</p> <p>Visão: Estar entre as dez melhores cooperativas do agronegócio brasileiro, sendo referência em relacionamento e gestão.</p> <p>Valores:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Integridade e segurança; • Valorização da família associada; • Comprometimento e entusiasmo; • Envolvimento com a comunidade; • Atuação coletiva; • Inovação. |
| Cresol RS/SC (Sistema de Cooperativas de Crédito Rural com Interação Solidária) | <p>Missão: Fortalecer e estimular a interação solidária entre agricultores e cooperativa através do crédito orientado e da educação financeira com a construção do conhecimento, visando o desenvolvimento sustentável.</p> <p>Visão: Ser referência no desenvolvimento local por meio do cooperativismo de crédito solidário, crescendo com foco na Agricultura Familiar, mantendo nossos diferenciais a partir do princípio da democracia, da profissionalização e do crédito orientado, para que possamos atender a todas as necessidades financeiras e de serviços dos associados. Oferecer um modelo de gestão eficiente gerando inclusão financeira e resultado aos cooperados e às cooperativas de forma solidária e sustentável.</p> <p>Valores:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Democracia; • Articulação com os movimentos populares; • Gestão pelos agricultores familiares; • Transparência; • Solidariedade e cooperação; • Sustentabilidade institucional; • Descentralização; |

| | |
|--|--|
| | <ul style="list-style-type: none"> • Honestidade. |
| Sicoob Máxi Crédito (Sistema de Cooperativas de Crédito do Brasil) | <p>Missão: Contribuir para o desenvolvimento econômico e social através do cooperativismo por meio da intermediação financeira e da prestação de serviços, gerando resultado para os associados.</p> <p>Visão: Ser reconhecida nacionalmente como a melhor cooperativa de crédito com solidez e inovação, satisfazendo as necessidades dos associados e colaboradores.</p> <p>Valores:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ética; • Credibilidade; • Cooperação; • Profissionalismo; • Inovação; |
| Sicredi RS/SC/MG (Cooperativa de Crédito, Poupança e Investimento Alto Uruguai) | <p>Missão: Valorizar o relacionamento, oferecer soluções financeiras para agregar renda e contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos associados e da sociedade.</p> <p>Visão: Ser reconhecido pela sociedade como instituição financeira cooperativa, comprometida com o desenvolvimento econômico e social dos associados e das comunidades, com crescimento sustentável das cooperativas, integradas em um sistema sólido e eficaz.</p> <p>Valores:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Preservação da instituição como sistema; • Preservação irrestrita da natureza cooperativa do negócio; • Respeito à individualidade do associado; • Respeito às normas oficiais e internas; • Valorização e desenvolvimento das pessoas; • Eficácia e transparência na gestão. |

Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

Observa-se pelo Quadro 6, que as cooperativas se preocupam em desenvolver diretrizes capazes de caracterizá-las no mercado e na sociedade. Estas cooperativas buscam contribuir no processo de desenvolvimento da agricultura familiar. Como mencionado na subseção do referencial teórico sobre os ramos do cooperativismo e de acordo com as análises desenvolvidas nas entrevistas da pesquisa de campo, pode-se constatar que as cooperativas agropecuárias, agroindustriais e de crédito predominam na comunidade rural Colônia Cella. Um dos motivos deve-se a produtividade nos setores: agrícola, leiteiro, criação de suínos e aves. Além de possuir cooperativas de crédito para realizar negociações bancárias (empréstimos e/ou financiamentos) com juros acessíveis e atrativos.

O cooperativismo foi um modelo que revolucionou os métodos de produção agrícola e possibilitou ao homem do campo melhores condições de vida, oportunidades sociais e econômicas. A essência das cooperativas é o capital social, pois são as pessoas que mantem os preceitos do cooperativismo.

As cooperativas citadas no Quadro 6 são descritas e de forma particular, suas contribuições para o desenvolvimento da agricultura familiar na comunidade rural Colônia Cella de Chapecó/SC.

4.2.1. A Cooperativa Central Aurora Alimentos

A Cooperativa Central Aurora Alimentos iniciou sua trajetória em 1969, na qual 18 homens juntamente com o Sr. Aury Luiz Bodanese representando oito cooperativas do Oeste de Santa Catarina, reuniram-se em uma assembleia oficial com o propósito de constituir uma sociedade cooperativista. Com o tempo as atividades se diversificaram, a capacidade de produção e comercialização da cooperativa foi se ampliando e foram sendo inseridas ações de planejamento estratégico abrangendo desde a gestão corporativa até no meio rural. (COOPERATIVA CENTRAL AURORA ALIMENTOS, 2019).

Atualmente, a Aurora é formada por 13 cooperativas singulares, mais de 100 mil famílias associadas, mais de 26 mil funcionários e mais de 8 mil empregados das cooperativas integradas ao sistema da Cooperativa Central Aurora Alimentos. Por meio da gestão participativa, a Aurora Alimentos atua na industrialização e comercialização de carnes suínas, aves, lácteos, massas, vegetais e suplementos para nutrição animal. Através da cooperação das pessoas ela equilibra seus objetivos empresariais com o compromisso social, um exemplo disso é a fundação Aury Luiz Bodanese, na qual desde 2008 desenvolve projetos no ramo ambiental, social e cultural. (COOPERATIVA CENTRAL AURORA ALIMENTOS, 2019).

O cooperativismo é a forma ideal de uma organização que zela pela participação democrática e que trabalha com a valorização do ser humano, a preservação do meio ambiente e o desenvolvimento educacional. Em Colônia Cella, a Cooperativa Aurora Alimentos atua indiretamente, através das cooperativas singulares, na prestação de atendimento técnico e assessorias aos associados. Ela busca aproximar o mercado interno e externo de seus cooperados, transmitindo informações e conhecimentos importantes para o aprimoramento e desenvolvimento da agricultura familiar.

Portanto, esta Cooperativa exerce os princípios e fundamentos do cooperativismo visando o desenvolvimento sustentável, local e rural, conceitos apresentados no referencial teórico. No tocante ao desenvolvimento sustentável, a cooperativa tem como objetivo contribuir na progressão comunitária em que suas cooperativas filiadas prestam os serviços, nos âmbitos: econômico, social, cultural e ambiental. Já para o desenvolvimento local, a cooperativa busca fomentar as comunidades, instigando as cooperativas integradas a prestar

assistência e assessoria aos produtores rurais. Quanto ao desenvolvimento rural, decorre de incentivos e oportunidades para obter melhores condições de vida e movimentar a economia de alimentos agrícolas do país.

Na sequência descreve-se a Cooperativa Agroindustrial Alfa (Cooperalfa) singular a Cooperativa Central Aurora Alimentos. A Cooperalfa em sua jurisdição relaciona-se diretamente com pessoa física, sendo estes, agricultores(as) associados(as).

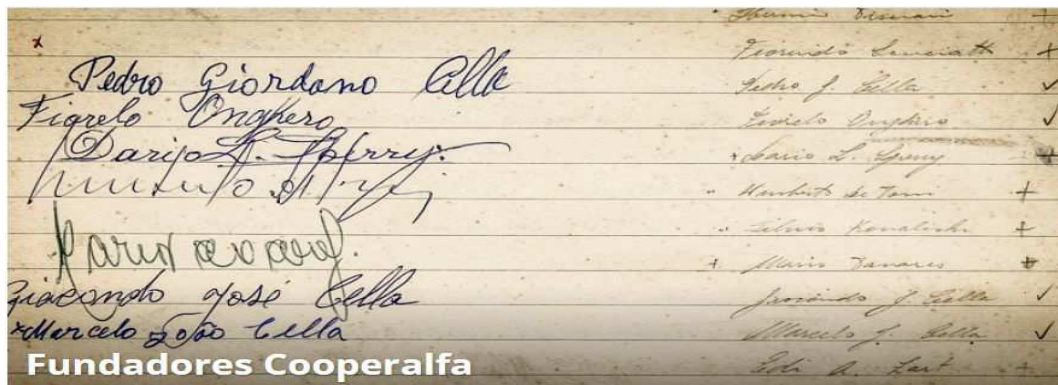
4.2.2. A Cooperativa Agroindustrial Alfa - Cooperalfa

A história da Cooperativa Agroindustrial Alfa e do surgimento do sistema cooperativo no Oeste Catarinense nasce juntamente com a história das famílias que migraram do Rio Grande do Sul, dentre elas, descendentes da família Cella, com destino ao estado catarinense. Na bagagem trouxeram as tradições associativistas já idealizada em suas terras, ainda que com ressalvas em relação a algumas experiências não bem sucedidas. A chegada a Santa Catarina prometia uma vida nova não apenas para os migrantes, mas também uma oportunidade para a disseminação da cooperação. (COOPERATIVA AGROINDUSTRIAL ALFA, 2019).

Em 29 de outubro de 1967, com o apoio do gerente do Banco do Brasil, Setembrino Victorino Zanchet, 39 cooperativistas assinam a ata de fundação da Cooperativa Mista Agropastoril de Chapecó – Cooperchapecó, sobre as bases da Cooperativa Triticola e tendo como líder Aury Luiz Bodanese. Ela surgiu com o apoio estatal e linhas de financiamentos facilitados, que visavam ampliar a soberania nacional na questão alimentar. Na época, a cooperativa representava a solução para os problemas de venda e escoamento da produção de grãos e suínos, remuneração mais justa e valorização do trabalho de pequenos e médios produtores rurais. (COOPERATIVA AGROINDUSTRIAL ALFA, 2019).

A Figura 8 ilustra a assinatura de cooperativistas na ata de fundação da Cooperalfa, na época chamada Cooperchapecó. Destes 39 fundadores da Cooperalfa, três deles pertenceram à comunidade rural Colônia Cella, no caso de Pedro Giordano Cella (em memória), Fiorelo Onghero (em memória) e Giocondo José Cella (em memória). Outros três fundadores ainda pertencem à comunidade, o proprietário rural Marcelo João Cella, Chisto Romano Cella e Orlando Jacob Cella. (COOPERATIVA AGROINDUSTRIAL ALFA, 2019).

Figura 8 – Ata de Fundação da Cooperchapecó em 29 de outubro de 1967



Fonte: Site da Cooperalfa, 2019⁵.

Desde a sua criação, a Cooperchapecó incorporou outras cooperativas, fator que alavancou seu crescimento. Um dos momentos chaves para o seu desenvolvimento foi à união com a Cooperxaxiense, em 1974, formando a Cooperalfa. No ano de 2018, a Cooperalfa ocupou o posto de maior cooperativa catarinense do ramo agropecuário, possuindo em seu quadro social mais de 19 mil famílias associadas e mais de 3 mil colaboradores. (COOPERATIVA AGROINDUSTRIAL ALFA, 2019).

A cooperativa possui 88 filiais, localizadas em 76 municípios nos estados de Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Sul. A trajetória da Cooperativa Agroindustrial Alfa foi construída especialmente pela agricultura familiar, com o envolvimento de milhares de associados(as) que além do amor pela terra, deixaram a seus filhos e netos os valores da cooperação. A Cooperalfa impacta positivamente no progresso da comunidade, pois fortalece as relações entre seus associados, possibilitando maximizar a produção e obter ganhos, tanto economicamente quanto socialmente. (COOPERATIVA AGROINDUSTRIAL ALFA, 2019).

De acordo com dados fornecidos pela Cooperalfa (2019), no ano de 2018 a cooperativa recebeu dos produtores rurais de Colônia Cella cerca de 48000 sacos de soja e 26000 sacos de milho. Quanto à avicultura e suinocultura, foram recolhidas 570000 cabeças e 6000 cabeças respectivamente. E por fim, o setor leiteiro produzido em Colônia Cella abasteceu a cooperativa com 700000 litros de leite. (COOPERATIVA AGROINDUSTRIAL ALFA, 2019).

O cooperativismo é um marco importante para a vida dos agricultores familiares de Colônia Cella. Hoje, os agricultores a utilizam para entregar suas produções agrícolas como:

⁵ Disponível em: <http://www.cooperalfa.com.br/fundadores-3>. Acesso em: 10 maio 2019.

milho, soja, trigo e feijão. Para facilitar as relações entre cooperativa e associado, a comunidade possui um “Líder” que representa e transmite aos demais cooperados informações advindas da cooperativa, como por exemplo, realização de reuniões, palestras, assembleias, feiras, demonstrativos de campo, entre outros eventos. Os associados que fizeram parte desta pesquisa destacam a importância da cooperativa para a propriedade, pois ela fornece os insumos necessários para a lavoura, assistências técnicas, compram a produção agrícola, realizam eventos que visam qualificar e aproximar a tecnologia a seus cooperados. Podem ser percebidos conforme os depoimentos:

A cooperativa contribui com **a assistência técnica** para a lavoura, para saber **quanto insumo utilizar**. Além de realizar **eventos que visam à inovação** e melhorias nos setores produtivos da propriedade rural. (Agricultora M2).

A cooperativa tem contribuído por meio de **assistência técnica** no momento da plantação, indicar as variedades de sementes para o plantio, a constituição de uma agropecuária para comprar produtos e equipamentos necessários para a propriedade e a **organização de feiras, palestras e demonstrativos** para os agricultores conhecerem **novas tecnologias**. (Agricultor H2).

[...] Antigamente à variedade das sementes para o plantio eram espalhadas entre os agricultores pela comunicação boca a boca. Hoje as cooperativas realizam **estudos para apresentar as diversas variedades de sementes** presentes, além de **analisar a qualidade do solo e as condições climáticas** para **fornecer o suporte** necessário aos produtores. (Agricultor H5).

A cooperativa proporciona **cursos, eventos de aperfeiçoamento**, que fazem com que a gente adquira novos conhecimentos, aumente a produtividade e consiga assim, uma melhor condição de vida para manter a propriedade. (Agricultor J5).

Deste modo, quanto ao setor de produção agrícola, predomina entre os entrevistados o suporte da Cooperalfa. A seguir apresentam-se as cooperativas de crédito que atuam na comunidade, relatando sua trajetória como instituição cooperativa e sua influência no processo de desenvolvimento da agricultura familiar de Colônia Cella.

4.2.3. A Cresol Central SC/RS

O Sistema Cresol surge da necessidade de melhorias nas condições do crédito rural para a Agricultura Familiar e pelo fortalecimento do desenvolvimento sustentável. Até 1995, os agricultores organizavam-se através do Sindicalismo, Associativismo, Reforma Agrária, ONG's, Fundos de Crédito Rotativo, entre outros. Em 1996, a partir de visitas a experiências de cooperativas isoladas localizadas em Quilombo, Seara e Curitiba, surge no Sudoeste do

Paraná um Sistema de Cooperativas de Crédito Rural com Interação Solidária, denominado Cresol. Em 1998 o Sistema Cresol se expande para os três estados do Sul do Brasil e com 28 cooperativas inicia-se a discussão da criação de três Bases Regionais. (CRESOL CENTRAL SC/RS, 2019).

O Sistema Cresol Central foi criado e coordenado por agricultores familiares, pessoas que sabiam o quão importante era ter acesso ao crédito para investir na produção, para construir uma casa nova, pagar os estudos dos filhos e proporcionar qualidade de vida para toda a família. Além disso, ter o apoio de uma cooperativa que disponibilizasse crédito e oferecesse suporte financeiro atrativo, possibilitou melhorias na gestão da propriedade e da produção agrícola. (CRESOL CENTRAL SC/RS, 2019).

Nem sempre o agricultor familiar obteve acesso a linhas de crédito para viabilizar suas atividades. Sendo assim, motivados por essas dificuldades de acesso a políticas públicas e ao crédito necessário para continuar no campo, muitos agricultores organizaram-se e foram às ruas reivindicar melhores condições de vida no campo. Com sede em Chapecó/SC, atualmente a Cresol Central SC/RS possui 30 cooperativas afiliadas, 117 Postos de Atendimento (PA's) e 5 Bases Regionais de Serviços. (CRESOL CENTRAL SC/RS, 2019).

A Cooperativa de Crédito Solidário como é conhecida a Cresol está atuando na comunidade rural Colônia Cella prestando serviços bancários que asseguram a renda familiar, possibilitando negociações atrativas e retornos futuros (cota capital). Os associados da Cresol Central SC/RS que moram em Colônia Cella acreditam que o cooperativismo de crédito favorece o pequeno produtor rural, pois preocupa-se em oferecer linhas de financiamentos atrativos e investimentos viáveis, conforme informações fornecidas pelos associados:

As cooperativas de crédito são importantes pelo fato **de fornecerem aos agricultores linhas de créditos acessíveis**. Então, se o seu histórico e faturamento forem bons, é possível desenvolver a propriedade. As cooperativas oferecem **financiamentos e investimentos com juros baixos e propostas de pagamentos de médio e longo prazo**. (Agricultor H5).

A **agilidade no atendimento e em financiamentos**, a cooperativa acaba facilitando e ajudando mais a agricultura em comparação com os demais bancos. A cooperativa **orienta e direciona para a alternativa mais adequada**. (Agricultora M1).

A agricultura familiar recorre de recursos que otimizam as atividades produtivas e a renda familiar. É neste momento que as instituições “Cooperativas” são acionadas, para levar

aos cooperados alternativas inovadoras e atraentes. A seguir identifica-se a cooperativa de crédito Sicoob MaxiCrédito de Chapecó/SC.

4.2.4. O Sicoob MaxiCrédito

O Sicoob MaxiCrédito é uma instituição financeira fundada em Chapecó/SC no dia 16 de novembro de 1984, por líderes cooperativistas e agricultores associados da Cooperativa Agroindustrial Alfa (Cooperalfa). Com o nome inicial de Cooperativa de Crédito Rural de Chapecó LTDA (Credialfa) foi criada para suprir as necessidades de crédito para o agronegócio da região. A autorização de funcionamento deu-se em 14 de maio de 1985, quando o Banco Central do Brasil homologou a instituição, mas as atividades iniciaram em 15 de agosto de 1985, junto ao departamento financeiro Cooperalfa. (SICOOB MAXICRÉDITO, 2019).

Com o tempo surgiu à necessidade de abrir novos locais de atendimento em outros municípios: em 1992 foi inaugurada a agência de União do Oeste, seguida por Quilombo em 1993 e Caxambu do Sul em 1994. Em 2005 a alteração de segmento, de rural para livre admissão de associados, trouxe novas possibilidades para a cooperativa. Com essa mudança, tanto pessoas físicas quanto empresas poderiam se tornar associados do Sicoob MaxiCrédito. Outros dois momentos se destacaram na história da instituição, dentre elas: a incorporação da Credtec, uma cooperativa da região litorânea de Santa Catarina, em 2012; e a incorporação da Blucredi, uma cooperativa de crédito na região do Vale do Itajaí, em 2016, estendendo-se para diversos municípios do estado. Atualmente, o Sicoob MaxiCrédito atua entre as maiores cooperativas de crédito do Brasil. (SICOOB MAXICRÉDITO, 2019).

Em Colônia Cella, o Sicoob MaxiCrédito auxilia no desenvolvimento das propriedades rurais. A cooperativa de crédito beneficia a agricultura familiar local, fornecendo incentivos que fomentam as atividades agrícolas. Esta percepção vai ao encontro das diretrizes organizacionais da cooperativa e identificada no relato da Agricultora Jovem J2:

A cooperativa contribui com **fornecimento de crédito agrícola** com preços especiais que possibilitam o crescimento econômico e melhor **desenvolvimento do capital investido** na atividade produtiva agrícola.

O Sicoob MaxiCrédito possui linhas de créditos direcionadas para o produtor rural associado, intermediando os recursos financeiros disponíveis e gerando resultados. Ela possibilita o acesso do pequeno produtor rural no Programa Nacional de Fortalecimento da

Agricultura familiar (PRONAF). O PRONAF oferece linhas de crédito específicas para financiar a produção e realizar melhorias de infraestrutura com taxas de juros mais baixas.

Para finalizar a identificação das cooperativas, a quinta cooperativa a ser pesquisada é a Sicredi Alto Uruguai, cooperativa que visa à cooperação e o crescimento de seus associados.

4.2.5. A Sicredi Alto Uruguai RS/SC/MG

No dia 18 de abril de 1981, 20 pequenos agricultores do município de Rodeio Bonito, unidos pelo objetivo de buscar melhores condições de vida para a comunidade, fundaram com o apoio da então Cooperativa de Produção de Rodeio Bonito (Cooperodeio) a primeira cooperativa de crédito da região do Alto Uruguai, denominada Credirodeio. O processo de expansão iniciou-se no dia 10 de abril de 1991, com a inauguração do primeiro posto de atendimento, no município de Pinhal, fato esse que marcou o início do processo de ampliação da sua área de atuação. (SICREDI ALTO URUGUAI RS/SC/MG, 2019).

Em 1992, a Credirodeio sofreu sua primeira alteração na denominação, passando a chamar-se Sicredi Rodeio Bonito. A região do Alto Uruguai crescia e desenvolvia-se. No ano de 1993, a cooperativa ampliou suas fronteiras, iniciando suas atividades em Novo Tiradentes, Cerro Grande e Ametista do Sul. No dia 12 de março do mesmo ano surgiu na cidade de Frederico Westphalen outra cooperativa de crédito, que recebeu a denominação de Credifred, fundada por um grupo de 32 agricultores, com o apoio da Cooperativa Tritícola de Frederico Westphalen (Cootrifred). Ela passou a integrar o sistema Sicredi, adotando a denominação de Sicredi Frederico Westphalen. (SICREDI ALTO URUGUAI RS/SC/MG, 2019).

Entre os anos de 1996 e 1997, com a necessidade de fortalecer o cooperativismo de crédito na região e permitir alavancagem dos recursos, dirigentes e associados da Sicredi Rodeio Bonito e da Sicredi Frederico Westphalen formaram uma única cooperativa. No dia 22 de janeiro de 1997 aconteceu a primeira ata conjunta entre as duas direções, oficializando a reforma estatutária e a consolidação da Cooperativa de Crédito Rural Alto Uruguai, representada pela sigla Sicredi Alto Uruguai. No ano de 2017 a cooperativa recebeu a certificação da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul do Prêmio Responsabilidade Social e a certificação como finalista do Troféu Destaque RS. O tema abordado teve como assunto “Equidade de Gênero”, na qual o programa “Sicredi Mulher” foi reconhecido em nível estadual. (SICREDI ALTO URUGUAI RS/SC/MG, 2019).

O Sicredi Alto Uruguai possui associados em diversas regiões do município de Chapecó/SC, inclusive nas comunidades interioranas. Na comunidade de Colônia Cella não é

diferente, a cooperativa auxilia os agricultores na tomada de decisão e oportuniza-os a investir em aplicações com retornos atraentes.

Para que haja desenvolvimento, são necessários aspectos econômicos, sociais, culturais. E para consolidar estes aspectos, esta pesquisa busca analisar o sistema cooperativista, na qual, através da cooperação, ajuda mútua e solidariedade, contribui para a melhoria das condições humanas. Este sistema cooperativista é executado pelas instituições cooperativas que possuem propostas de gestão e valores voltados ao ser humano, pois o capital social é o alicerce da existência dos demais aspectos.

A seção 4.1 buscou caracterizar a comunidade rural Colônia Cella de Chapecó/SC e a seção 4.2 identificou as instituições “Cooperativas” que prestam atendimentos agropecuários e de créditos aos agricultores familiares da comunidade rural pesquisada. Para finalizar a proposta apresentada neste trabalho, a seguir descrevem-se as percepções dos agricultores familiares associados em cooperativa sobre as contribuições do cooperativismo para o desenvolvimento da agricultora familiar na comunidade rural Colônia Cella.

4.3. O COOPERATIVISMO E O DESENVOLVIMENTO DA AGRICULTURA FAMILIAR

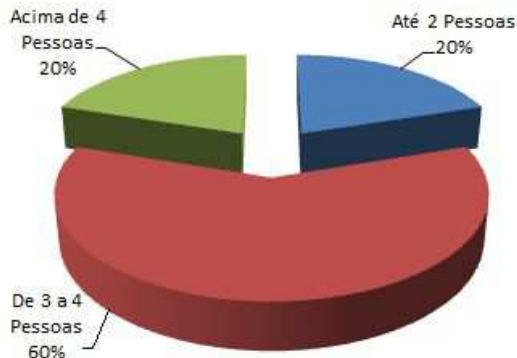
Nesta seção do TCC busca-se apresentar a percepção dos agricultores associados em cooperativa sobre as contribuições do cooperativismo para o desenvolvimento da agricultura familiar na comunidade rural Colônia Cella, de modo que torne possível compreender o terceiro e último objetivo do estudo. O mesmo divide-se em duas subseções, a primeira refere-se à propriedade rural e agricultura familiar e a segunda parte corresponde ao cooperativismo e a agricultura familiar.

4.3.1. Propriedade Rural e Agricultura Familiar

As famílias envolvidas na pesquisa desenvolvem as atividades de suas propriedades com o trabalho familiar. Pelo fato da mão de obra ser própria, as famílias evitam gastos com serviços terceirizados.

O Gráfico 1 ilustra a composição familiar dos envolvidos na pesquisa, possibilitando esclarecer quantas pessoas habitam e trabalham na propriedade rural.

Gráfico 1 – Número de membros que constituem as famílias

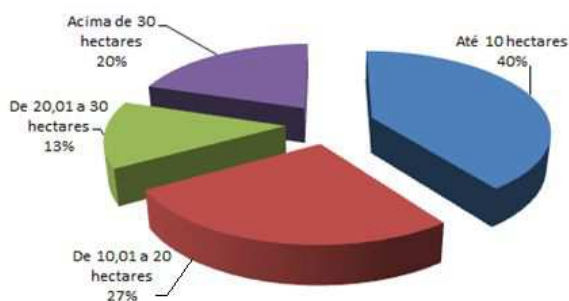


Fonte: Dados da pesquisa, elaborado pelo autor, 2019.

Conforme o Gráfico 1, predomina a composição familiar de três a quatro indivíduos por família, na qual exercem as tarefas da propriedade conjuntamente. Quanto à tomada de decisão, também prevalece à tomada em conjunto, em que os casais e seus filhos analisam as alternativas mais adequadas e viáveis para suas propriedades. Esse processo de tomada de decisão acontece principalmente em situações de investimentos, empréstimos e financiamentos com valores elevados.

A comunidade rural Colônia Cella é formada basicamente por pequenas propriedades rurais, na qual desenvolvem a agricultura de modo familiar. Toda a produção agrícola é destinada ao mercado local, negociado principalmente com as cooperativas do município de Chapecó/SC. O Gráfico 2 apresenta o tamanho das propriedades rurais em hectares.

Gráfico 2 – Dimensão Territorial em Hectares das Propriedades Rurais



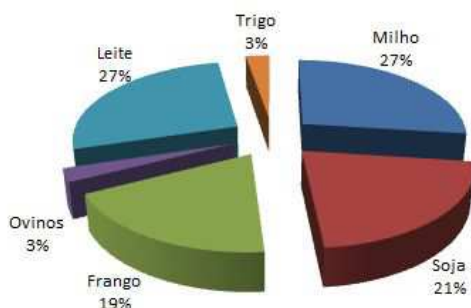
Fonte: Dados da pesquisa, elaborado pelo autor, 2019.

A dimensão territorial predominante, como demonstrado no Gráfico 2, é de até 10 hectares de terra, enquadrando-se nos quesitos da Lei N° 11.326 de 24 de julho de 2006, apresentados na seção 2.2. Este quesito juntamente com os demais que constituem a Lei, define o enquadramento das propriedades rurais dos entrevistados como agricultura familiar.

As propriedades rurais possuem a estrutura necessária em termos de maquinários e instalações. Quanto aos maquinários, destaca-se a utilização de tratores; plantadeiras, arados, pulverizadores, grades e pé-de-pato para remover o solo. Quanto às instalações, nota-se que possuem o necessário para a armazenagem de produtos, alimentar os animais, desenvolver a pecuária e para guardar os maquinários e equipamentos. Percebe-se que as propriedades evoluíram no decorrer dos anos e melhoraram sua infraestrutura. Um dos motivos deste progresso decorre de financiamentos e empréstimos bancários. Estas negociações ocorrem por meio das cooperativas de crédito as quais os produtores rurais são associados. Quanto às contribuições das cooperativas de crédito para o desenvolvimento da agricultura familiar, são melhores detalhadas no decorrer das discussões.

O Gráfico 3 demonstra as atividades comerciais produzidas pelas famílias, na qual prevalece a pecuária leiteira e a produção agrícola do milho. Vale ressaltar que as propriedades rurais trabalham com mais de uma atividade comercial, impactando no percentual das atividades.

Gráfico 3 – Atividades Comerciais Produzidas na Agricultura Familiar



Fonte: Dados da pesquisa, elaborado pelo autor, 2019.

Quanto à atividade produtiva que advém a maior fonte de renda para as famílias, prevaleceu à pecuária de leite, entretanto, em determinadas propriedade rurais, a produção de grãos também é uma fonte de renda que apresenta resultados significativos. Conforme relato do agricultor H1, para obter renda mensal desenvolve-se a produtividade leiteira e para agregar valor e elevar a renda anual, planta-se milho e/ou soja.

Nas atividades da agricultura se consegue ter uma renda praticamente de 50% em grãos e 50% com o gado de leite. Entretanto, com os **grãos a renda é obtida uma vez ao ano** em época de safra, enquanto que com o **gado de leite é possível obter a renda mensalmente**. (Agricultor H1).

Compreende-se que a agricultura familiar em Colônia Cella é formada por pequenas propriedades rurais, em que predominam as atividades da pecuária de leite e o cultivo de grãos (milho e soja). As propriedades possuem a infraestrutura necessária para atender sua capacidade produtiva e desempenhar as tarefas com agilidade. Além das atividades agrícolas atenderem o comércio, as famílias produzem frutas, verduras e legumes. Estes alimentos são cultivados para o próprio consumo familiar e para realizar trocas entre os vizinhos.

Esta subseção do trabalho buscou apresentar a maneira que as propriedades rurais estão organizadas, visando conhecer a estrutura da agricultura familiar na comunidade rural Colônia Cella. A próxima subseção abordará os motivos pelos quais levaram as famílias agrícolas a buscarem a associação em instituições “Cooperativas” e quais são as contribuições do cooperativismo para o desenvolvimento da agricultura familiar.

4.3.2. Cooperativismo e Agricultura Familiar

O cooperativismo em sua amplitude foi desenvolvido para organizar e atender as necessidades e desejos das pessoas. No Oeste Catarinense difundiu-se por produtores rurais que perceberam a necessidade em movimentar a economia local e escoar a produtividade agrícola das propriedades rurais da região. Mesmo sem saber da efetividade do sistema cooperativista, seus precursores entusiastas colocaram os princípios e valores de cooperação em prática. Pode-se afirmar que este sistema, temido no passado por seus fundadores prosperou nesta região catarinense, que atualmente é referência para a manutenção e suporte da produção agrícola, reconhecido nacionalmente pelos serviços desenvolvidos desde a produção, até a industrialização e comercialização dos grãos (milho e soja), carnes (frango e suíno) e a pecuária leiteira.

A essência do cooperativismo direciona-se a seus cooperados, envolvendo desde os produtores rurais responsáveis pelo fornecimento da matéria-prima, até o consumidor final. Conforme a OCB (2019), não existe cooperativismo sem o compartilhamento de ideias. Ser cooperativista é acreditar que ninguém perde, é buscar benefícios próprios, é se basear em valores de solidariedade, responsabilidade, democracia e igualdade. Portanto, o

cooperativismo tem um jeito único de trabalhar, jeito este, percebido pelas pessoas entrevistadas, as quais fazem parte do sistema do cooperativismo. Pelo fato desta pesquisa envolver somente a percepção dos agricultores familiares quanto às contribuições do cooperativismo, esta parte apresenta os apontamentos a respeito do tema proposto.

Muitos são os motivos pelos quais os agricultores buscam associar-se em uma cooperativa. Conforme apresentado por Schmidt e Perius (2003), Cenzi (2012), Radin e Corazza (2018), o “Cooperativismo” é uma forma de organização econômica e social orientada por valores e princípios da doutrina cooperativista, como a cooperação, ajuda mútua, solidariedade, gestão democrática, e distribuição dos resultados entre os associados. Neste sentido, pode-se constatar nas falas dos entrevistados, que as cooperativas preocupam-se com os princípios e valores do cooperativismo, voltando-se para os associados e para a comunidade. Como afirma a Agricultora M1:

O **cooperativismo** é contra o individualismo, sendo um **modelo mais humano e igualitário**. Por isso, ele sendo diferente do modelo tradicional, acaba se destacando e **agindo de maneira estratégica para a agricultura familiar**, impactando na vida e no **bem-estar das pessoas**.

A cooperativa moderna propõe a transformação da organização econômica da sociedade por meio de regimes baseados em associações de caráter econômico a serviço do interesse dos trabalhadores (MLADENATZ, 2003). Assim, pode-se remeter ao desenvolvimento de Colônia Cella, sendo que, ao sentir a necessidade em desenvolver a economia local e rural, algumas famílias pertencentes à comunidade passaram a procurar os serviços destas instituições “Cooperativas”. Quanto a seus valores como empresa dos associados, a maioria dos respondentes destacam a confiança, segurança, credibilidade e preocupação com os associados, os motivos pelos quais passaram a fazer parte da cooperativa. Pode-se observar nos seguintes depoimentos:

Os motivos foram à **confiança e a credibilidade** na compra e na venda dos produtos. A compra de ração e demais insumos agrícolas. Além disso, também temos a **segurança** em conseguir adquirir os produtos necessários. (Agricultora M2).

Um dos motivos que me levaram a associar-se em uma cooperativa é o ato de possibilitar maior **segurança** aos associados e fornecer equipe técnica para acompanhar a produção, assim então, ficando mais fácil para obter boa safra e **manutenção da propriedade**. (Agricultor J5).

Por meio da instituição cooperativa, os cooperados se organizam coletivamente para atingir seus propósitos e desejos em prol dos benefícios de todos. Benefícios estes que asseguram o vínculo dos associados com a cooperativa durante longos períodos. Esta percepção corrobora com os pressupostos de Schmidt e Perius (2003) de uma cooperativa com associação autônoma de pessoas que se unem voluntariamente para atender suas necessidades e aspirações econômicas, sociais e culturais comuns. Os benefícios predominantes nas entrevistas são: assessoria técnica para a produção, a disponibilidade em atender os associados e facilidade em obter os serviços prestados pela cooperativa, conforme os argumentos seguintes. Ambos estão associados em cooperativa há mais de 25 anos.

A vantagem é que tudo que precisar na lavoura para plantar tenho certeza que a cooperativa tem **disponível** para oferecer. E também, depois que você plantou e está com o produto pronto para colher, tem a **garantia** e certeza para quem entregar, pois a cooperativa não deixa de recolher um grão se quer da propriedade. Outro benefício também é que os agricultores possuem **assistência técnica** da cooperativa gratuita para auxiliar do começo ao fim da safra. (Agricultor H1).

Nas cooperativas de crédito é que o associado possui um determinado retorno anual, não tem taxas, **facilita** a obtenção de financiamentos e a **cooperativa acaba voltando-se mais para seus associados** e acaba ouvindo os associados. Já na cooperativa agrícola, os preços dos produtos entregues pelo associado são melhores que nas demais empresas industriais. Além disso, **facilita** a compra de insumos, como: ração para os animais e sementes. (Agricultor H3).

As cooperativas contribuem para o desenvolvimento das propriedades rurais e da agricultura familiar, na qual proporcionam educação e treinamento aos associados. Nesta perspectiva, prevalece nos depoimentos dos associados à preocupação das cooperativas em realizarem capacitações mediante: feiras, palestras e demonstrativos de campo, visando potencializar as atividades da propriedade rural. Estes apontamentos evidenciam os fundamentos e princípios apresentados por Crúzio (2005) e pela OCB (2019), identificado no quinto princípio do cooperativismo, “Educação, Treinamento e Informação”.

Através da cooperativa é possível ter uma visão da propriedade e estar mais tranquilo no momento de realizar a compra e a venda dos produtos. A cooperativa é uma organização séria e tem sim o compromisso com todos os seus associados integrados. **A cooperativa está contribuindo através de palestras, pontos de informações para os associados, deixando-os mais tranquilo.** Isso já é importante para nós associados agricultores. (Agricultor H1).

A cooperativa tem contribuído por meio de assistência técnica no momento da plantação, indicar as variedades de sementes para o plantio, a constituição de uma agropecuária para comprar produtos e equipamentos necessários para a propriedade. **Também a organização de feiras, palestras e demonstrativos para os agricultores conhecerem novas tecnologias.** (Agricultor H2).

A cooperativa traz **palestras incentivadoras para seus associados**, fazendo com que tenhamos perspectiva de crescimento e desenvolvimento futuro. (Agricultora J2).

Os relatos confirmam que as cooperativas estão exercendo os princípios do cooperativismo e estão preocupadas com a comunidade, conforme aponta o sétimo princípio do cooperativismo que descreve “as cooperativas trabalham pelo desenvolvimento sustentável de suas comunidades, através de políticas aprovadas por seus membros”. Quanto a esta questão, prepondera nas falas dos entrevistados a importância das cooperativas para o desenvolvimento da agricultura familiar, principalmente para a comunidade onde os agricultores estão inseridos. Na comunidade de Colônia Cella não é diferente, o cooperativismo age estrategicamente no desenvolvimento da agricultura local. Esta visão do processo de desenvolvimento fica evidenciada em depoimentos.

A comunidade já vem de um processo desde a criação de cooperativas, que foi quando começou a ter esta expansão do cooperativismo e as propriedades passaram a produzir pensando em obter retornos. A cooperativa passou a ser organizada e muitas famílias acabaram se associando, inclusive alguns fundadores das cooperativas existentes até hoje são ou foram moradores da comunidade. Foram eles que estruturaram este modelo que permite que as famílias produzam, plantem e tenham a garantia de que alguém vai comprar este produto. Então, o foco do produtor está em investir na sua lavoura, cuidar dos animais e assim ele terá alguém que compre. Além disso, se algum produtor tiver dúvidas, a cooperativa fornece assessoria para que a produção seja a melhor possível. Então acredito que a cooperativa contribui bastante, auxiliando as famílias de agricultores. (Agricultor J5).

As cooperativas devem continuar oferecendo suporte, acompanhando, realizando debates, reuniões e deixando os associados cada vez mais a par dos acontecimentos, dos projetos desenvolvidos na cooperativa. Vejo que as cooperativas deveriam trabalhar com projeções de mercado para proporcionar maior segurança ao agricultor. (Agricultor H5).

O cooperativismo vem possibilitando que os agricultores familiares desenvolvam suas propriedades e contribuam para o crescimento da região do oeste catarinense, especialmente do município de Chapecó/SC que aderiu esta proposta de cooperação, melhorando as condições de vida das pessoas do campo. Na comunidade interiorana Colônia Cella, as

cooperativas que prestam os serviços destacadas nas entrevistadas são: Cooperativa Agroindustrial Alfa (Cooperalfa); Sicoob MaxiCrédito; Cresol Central e Sicredi Alto Uruguai. A Cooperativa Central Aurora Alimentos também contribui indiretamente no desenvolvimento da comunidade e da agricultura familiar, através da representação das suas cooperativas filiadas.

Nos argumentos dos sujeitos da pesquisa, recorrem-se as cooperativas agropecuárias e de crédito para obter a manutenção e o progresso da propriedade. Estas cooperativas agindo estrategicamente com seus associados contribuem para a evolução da agricultura local. É possível observar nas percepções dos associados à maneira que o cooperativismo contribui estrategicamente para o desenvolvimento a agricultura familiar:

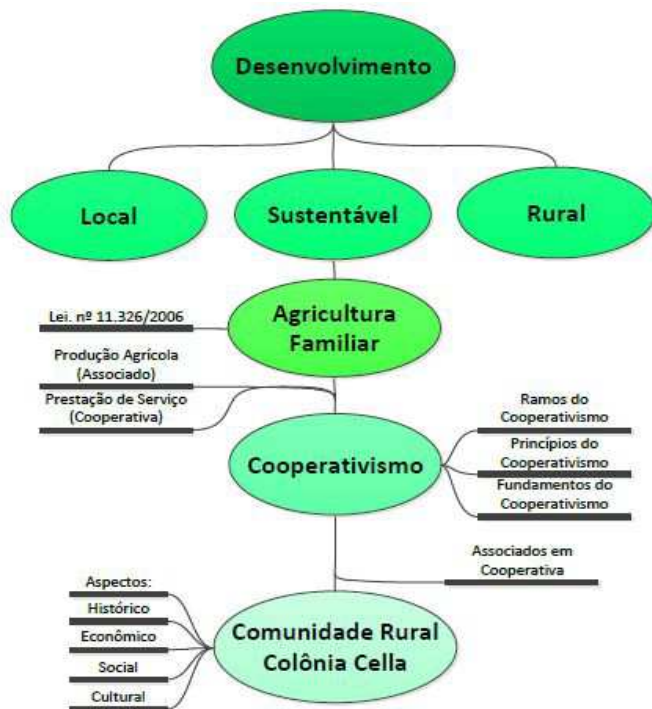
Acredito que o cooperativismo contribui no desenvolvimento da agricultura familiar. Uma das maneiras de desenvolver é através do **conhecimento**. E as cooperativas por meio de palestras, reuniões, programas incentivadores para os jovens, feiras com técnicos e profissionais agrônomos, fazem com que **estratégias e habilidades sejam desenvolvidas**. (Agricultor H4).

Vejo que quando várias pessoas trabalham de forma unida em prol de uma cooperativa, faz com que se **fortaleça e ajude no crescimento da comunidade** em geral, na qual várias famílias possam crescer com suas atividades agrícolas. **O cooperativismo possibilita o crescimento em conjunto** através das contribuições de vários associados em prol do crescimento da cooperativa. Conseqüentemente, ela irá possibilitar o crescimento econômico. Assim, todos saem ganhando juntamente com a cooperativa. (Agricultora J2).

As propriedades rurais dependem das cooperativas para aprimorar e aperfeiçoar a produção de alimentos e para atender a demanda do mercado consumidor. Da mesma forma que as cooperativas dependem das propriedades rurais para obter os produtos e manter-se no mercado competitivo. Como se pode observar nos depoimentos, o cooperativismo contribui estrategicamente a partir do momento que seus aspectos econômicos e sociais são colocados em prática, juntamente com seus princípios e valores, a fim de beneficiar o coletivo.

Pelo fato da pesquisa ser em uma única comunidade rural, pode-se observar que alguns aspectos se assemelham. A etnia italiana prevalece entre os entrevistados da pesquisa. Todos eles frequentam o centro comunitário de Colônia Cella e utilizam dos recursos de saúde, educação e lazer para manter as condições de vida adequadas. Percebe-se que os aspectos comunitários e culturais são preservados, mantendo a essência de conviver coletivamente. A Figura 9 ilustra esquematicamente os pressupostos abordados nesta pesquisa, de modo contribuir na compreensão da finalidade deste estudo.

Figura 9 – Mapa Conceitual com as Evidências do Estudo



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Em síntese, a comunidade rural Colônia Cella de Chapecó/SC é formada por aspectos “histórico, econômico, social e cultural” que a caracteriza como comunidade. Ela é constituída por propriedades rurais que dependem do trabalho familiar para desenvolver-se em comunidade. Estas propriedades se enquadram nos quesitos da Lei nº 11.326/2006 que regulamenta a agricultura familiar. Por meio do trabalho familiar as famílias produzem grãos, carnes e leite, visando obter rentabilidade, movimentar a economia local e promover o desenvolvimento rural. Para contribuir neste processo, os agricultores de Colônia Cella buscam associarem-se em cooperativa, sendo estas, agropecuárias e de crédito para suprir suas necessidades. Estas cooperativas por meio dos princípios e fundamentos do cooperativismo exercem papel importante para o desenvolvimento local.

A prática da cooperação entre associados e cooperativas favorecem a sociedade e constrói uma cultura baseada na coletividade e na ajuda mútua. Neste sentido, todo este processo é consolidado com o propósito de obter desenvolvimento sustentável, com vistas aos aspectos econômico, social e cultural, agindo de maneira consciente e com responsabilidade ambiental. Diante destas discussões a respeito do cooperativismo e da agricultura familiar, a seguir apresentam-se as considerações finais com as respectivas limitações e recomendações.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou analisar como o cooperativismo tem contribuído estrategicamente para o desenvolvimento da agricultura familiar na comunidade rural Colônia Cella de Chapecó/SC. Por meio da caracterização da comunidade rural Colônia Cella, identificação das principais cooperativas atuantes na comunidade e a percepção dos associados em cooperativa quanto às contribuições do cooperativismo para o desenvolvimento da agricultura familiar, é possível chegar as seguintes constatações.

Quanto à caracterização da comunidade rural de Colônia Cella, a mesma foi fundada em 29 de julho de 1923, pelos irmãos Vítório Cella e Luiz Cella, migrantes descendentes de italianos que moravam no estado do Rio Grande do Sul e que decidiram desbravar novas terras e obter melhores condições de vida. Diante dos aspectos históricos apresentados nos resultados da pesquisa, pode-se constatar que a comunidade de Colônia Cella contribuiu para o crescimento e desenvolvimento do município de Chapecó/SC, visto que o município surgiu em 1917, apenas seis anos antes da fundação da comunidade.

A dimensão territorial aproximada da comunidade rural Colônia Cella é de aproximadamente 1388 hectares, possuindo cerca de 66 famílias que exercem a agricultura familiar. A economia local depende da produção leiteira e agrícola de milho e soja. Outros setores produtivos como a suinocultura, avicultura, ovinocultura e caprinocultura também movimentam a economia local. Conforme pesquisa realizada, os setores de produção agrícola e leiteiro prevalecem na comunidade. Um dos motivos decorre das condições climáticas e territoriais. A constituição da primeira cooperativa do município de Chapecó/SC teve a participação e o envolvimento de produtores rurais que moravam em Colônia Cella, deste modo, o modelo cooperativista esteve presente no processo de desenvolvimento da agricultura familiar e da comunidade rural.

No que concerne os aspectos sociais e culturais formados na localidade de Colônia Cella e que contempla alguns elementos que fazem parte do tripé da sustentabilidade: econômico, social e cultural, foi possível constatar que a comunidade possui um centro de atendimento médico, o qual oferece o suporte básico às famílias que moram na comunidade e bairros próximos. Colônia Cella possui o suporte da prefeitura municipal de Chapecó/SC para o desenvolvimento de atividades voltadas para o bem-estar das pessoas, como exercícios físicos, alongamentos e corridas, de modo a aumentar a autoestima da população local e a qualidade de vida. Referente aos aspectos culturais, atualmente a comunidade de Colônia Cella preserva alguns costumes e crenças advindos de seus colonizadores. A etnia italiana

predomina na localidade além de seus traços referentes à culinária, o dialeto e a religiosidade. A relevância em caracterizar a comunidade de Colônia Cella decorre em familiarizar o leitor quanto à realidade da unidade pesquisada, a qual possui influências do cooperativismo para desenvolver as atividades do campo. Além disso, foi relevante para identificar as cooperativas que atuam nela e conhecer a percepção de alguns moradores que possuem envolvimento com cooperativa(as) sobre o cooperativismo como estratégia para o desenvolvimento da agricultura familiar, englobando os objetivos deste estudo.

Quanto ao segundo objetivo, foram identificadas as cooperativas que atuam na comunidade rural Colônia Cella. Esta identificação foi desenvolvida por meio da pesquisa documental e de campo. Predominou a atuação de cinco instituições cooperativas, sendo elas, duas agroindustriais: Cooperativa Central Aurora Alimentos (indiretamente) e a Cooperativa Agroindustrial Alfa (Cooperalfa). E três cooperativas de crédito: Sicoob MaxiCrédito; Cresol Central e Sicredi Alto Uruguai. Todas elas estão instaladas no município de Chapecó/SC, prestando assistência tanto para o perímetro urbano tanto para o perímetro rural. Identificar as cooperativas pertencentes à localidade possibilita especificar a abordagem do trabalho, além de auxiliar na compreensão do terceiro objetivo proposto.

O terceiro e último objetivo específico voltou-se para a descrição da percepção dos agricultores familiares associados em cooperativas sobre as contribuições do cooperativismo para o desenvolvimento da agricultura familiar na comunidade rural Colônia Cella de Chapecó/SC. Por meio das 15 entrevistas realizadas, foi possível analisar e compreender as contribuições do cooperativismo para o progresso das propriedades rurais da comunidade. As cooperativas agroindustriais possibilitam a garantia da compra de insumos, assistência técnica e aquisição de produtos agropecuários aos agricultores. Enquanto que as cooperativas de crédito proporcionam novas oportunidades de fomentar e aperfeiçoar a atividade agrícola e da pecuária. Os agricultores associados passaram a obter linhas de créditos acessíveis e atrativos para investir em suas propriedades, além de conseguirem recursos advindos do governo federal como o “PRONAF” para auxiliar no desenvolvimento da agricultura, sendo executada pelas cooperativas de crédito.

As cooperativas levaram a tecnologia para o meio agrícola, oportunizando os associados a adquirirem novos conhecimentos a respeito das atividades do campo. Eventos como: palestras, feiras, demonstrativos e conferências, motivam os associados a evoluírem nas atividades produtivas, além de aprimorar novas técnicas que visam à efetividade e otimização da produção. O cooperativismo é fundamental para o desenvolvimento da

agricultura familiar, pois estabelece parâmetros de organização social e econômica orientada por valores de cooperação, ajuda mútua, solidariedade e gestão democrática.

O cooperativismo em sua essência está fundamentado em sete princípios, sendo que alguns destes princípios foram identificados nas falas dos entrevistados, confirmando sua atuação no desenvolvimento da agricultura familiar. Quanto às contribuições do cooperativismo, podem-se chegar as seguintes considerações: o cooperativismo preocupa-se com a valorização das pessoas; constrói vínculos sociais; busca desenvolver as propriedades rurais coletivamente; promove a disseminação da tecnologia; estabelece relações entre agricultores e cooperativa; preconiza o crescimento econômico e fomenta o desenvolvimento rural e local. O cooperativismo sendo um amplo sistema fortalece a agricultura familiar. Na comunidade rural Colônia Cella os princípios e valores contribuem para o desenvolvimento da agricultura local, fazendo parte da vida das famílias que trabalham no campo.

Como recomendações para futuros estudos acerca do tema, sugere-se que se desenvolva uma pesquisa a qual abranja um número maior de agricultores familiares incluindo a participação de gestores e/ou presidentes de cooperativas para analisar a percepção de diversos segmentos que promovem o cooperativismo, gerenciamento de cooperativas e suas influências para o desenvolvimento da agricultura. Seria interessante também a reaplicação desta pesquisa em outras comunidades rurais de modo a realizar um estudo comparativo. Quanto às limitações, destaca-se a dificuldade em obter informações concretas referentes à comunidade rural Colônia Cella de Chapecó/SC, como por exemplo, a exatidão da dimensão territorial e o número de habitantes.

Portanto, o estudo se torna importante pelo fato de analisar a percepção dos proprietários(as) e dos jovens que moram na comunidade rural Colônia Cella quanto as contribuições das cooperativas e do modelo cooperativista para o desenvolvimento da agricultura familiar. Vale ressaltar que a assessoria fornecida pelas cooperativas nas propriedades familiares e suas influências no processo de tomada de decisão, fazem com que o sistema cooperativista contribua na melhoria da qualidade de vida das pessoas. Assim, torna-se válido a continuidade de novas pesquisas acerca desta temática, de modo que se analisem aspectos do cooperativismo não abordados neste trabalho. Denota-se a relevância em compreender o tema pelo fato de assumir papel importante no processo desenvolvimento econômico e social.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Paulo. Associativismo. In: CATTANI, Antonio (Org.). **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003. p. 15-20.
- ALMEIDA, Jalcione. A Problemática do Desenvolvimento Sustentável. In: BECKER, Dinizar Fermiano (Org.). **Desenvolvimento sustentável: necessidade e/ou possibilidade**. – 2. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999. p. 17-26.
- ALMEIDA, Jalcione. **Da ideologia do progresso à ideia de desenvolvimento (rural) sustentável**. 1995. p. 33-55. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Jalcione_Almeida/publication/237518300_Da_ideologia_do_progresso_a_ideia_de_desenvolvimento_rural_sustentavel/links/55f16dce08ae199d47c257cb/Da-ideologia-do-progresso-a-ideia-de-desenvolvimento-rural-sustentavel.pdf. Acesso em: 04 nov. 2018.
- AURORA. **Histórico da Cooperativa Central Aurora Alimentos**. Disponível em: <https://www.auroraalimentos.com.br/aurora>. Acesso em: 06 maio 2019.
- BAQUERO, Marcello. Capital Social. In: CATTANI, Antonio (Org.). **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003. p. 28-33.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BLANCO, Enrique Sergio. O turismo rural em áreas de agricultura familiar: as "novas ruralidades" e a sustentabilidade do desenvolvimento local. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 4, n. 3, 2006.
- BRASIL. **Lei nº 11.326, de 24 julho de 2006**. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Brasília. 185º da Independência e 118º da República, 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111326.htm. Acesso em: 04 nov. 2018.
- BUAINAIN, Antônio Márcio. Agricultura familiar, agroecologia e desenvolvimento sustentável: questões para debate. **CEP**, v. 71. p. 450, 2006.
- BUAINAIN, Antônio Márcio; ROMEIRO, Ademar R.; GUANZIROLI, Carlos. Agricultura familiar e o novo mundo rural. **Sociologias**, v. 5, n. 10, p. 312-347, 2003.
- CARE BRASIL** de Combate a Pobreza pela promoção de Desenvolvimento Local. ONG brasileira com título de Organização da Sociedade Civil de Interesse Público. Disponível em: <https://carebrasilemcampo.wordpress.com/sobre-desenvolvimento-local/>. Acesso em: 08 out. 2018.
- CELLA, Sadi. **Família Cella**. [S.l.: s.n.], 2015.
- CENZI, Nerii Luiz. **Cooperativismo: desde as origens ao Projeto de Lei de Reforma do Sistema Cooperativo Brasileiro**. Curitiba: Juruá, p. 172, 2012.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES NA AGRICULTURA.

CONTAG. Disponível em:

<http://www.contag.org.br/index.php?modulo=portal&acao=interna&codpag=263&nw=1>.

Acesso em: 26 set. 2018.

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE DESENVOLVIMENTO

SUSTENTÁVEL. **Rio+20**. Disponível em:

http://www.rio20.gov.br/sobre_a_rio_mais_20/desenvolvimento-sustentavel.html. Acesso em:

04 out. 2018.

COOPERALFA. **Texto histórico formulado pelo CEMAC** – Centro de Memória Alfa-MaxiCrédito. Junho 2018. Disponível em:

<http://www.cooperalfa.com.br/sobre-a-cooperalfa>. Acesso em: 02 maio 2019.

CRESOL CENTRAL. **Nossa História**. Disponível em:

<https://www.cresolcentral.com.br/nossa-historia>. Acesso em: 07 maio 2019.

CRÚZIO, Helnon de Oliveira. **Como organizar e administrar uma cooperativa: uma alternativa para o desemprego**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005, p. 156.

DE JESUS, Paulo. Desenvolvimento Local. In: CATTANI, Antonio (Org.). **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003, p. 72-75.

DE JESUS, Paulo; TIRIBA, Lia. Cooperação. In: CATTANI, Antonio (Org.). **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003, p. 49-54.

DEL GRANDE, Edivaldo. Cooperativismo e sustentabilidade. **AgroANALYSIS**, v. 34, n. 07, p. 42, 2014.

DE PAULA, Juarez. Desenvolvimento e gestão compartilhada. Desenvolvimento local: dinâmicas e estratégias. Rio de Janeiro: **Rede Dlis/Rits**, 2005.

DO AMARAL FILHO, Jair. A endogeneização no desenvolvimento econômico regional e local. **Planejamento e políticas públicas**, n. 23, 2009.

FAVARETTO, João Fernandes. Colônia Cella. **Folha de Chapecó**, Chapecó, 2015.

GABRIEL JR. Egon. Cresol Dona Emma: uma história de desafios e conquistas. In: MAGRI, Cledir A.; GABRIEL JR. Egon (Org.) - **Cresol Dona Emma: 10 anos gerando desenvolvimento sustentável**. Passo Fundo: EFIBE, 2011, p. 45-83.

GIARRACA, Norma. ¿ **Una Nueva Ruralidad en América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2001.

GIL, Antonio Carlos, **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: 2010.

GOULAR, Claiton Pazzini. O Cooperativismo Agrícola e o Desafio do Desenvolvimento Sustentável. In: LAFFIN, Marcos (Org.). **Redes Sociais: ações de cooperação**. Ijuí: ed. Unijuí, 2011, p. 15-32.

- HISTÓRICO DA FAMÍLIA CELLA. **Família Cella**, 2015. Disponível em: <http://www.familiacella.com.br/?link=inicio>. Acesso em: 28 abr. 2019.
- KAGEYAMA, Angela. Desenvolvimento rural: conceito e medida. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, v.21, n.3. 2004, p. 379-408.
- LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- LAUSCHNER, Roque. **Cooperativismo e agricultura familiar**. Outubro, 1994.
- LUNA, Sergio Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. São Paulo: EDUC, 2005.
- MAGRI, Cledir A. Cresol Dona Emma: potencializando o desenvolvimento local sustentável e solidário. In: MAGRI, Cledir A; GABRIEL JR. Egon (Org.). **Cresol Dona Emma: 10 anos gerando desenvolvimento sustentável**. Passo Fundo: EFIBE, 2011, p. 87-107.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MARCONI, Maria de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- MARTINS, Gilberto de Andrade. **Manual para elaboração de monografias e dissertações**. 3. ed. 6. reimpr. São Paulo: Atlas, 2011.
- MILANEZ, Francisco. Desenvolvimento Sustentável. In: CATTANI, Antonio (Org.). **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz editores, 2003, p. 76-84.
- MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **MMA**. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/desenvolvimento-rural.html>. Acesso em: 13 out. 2018.
- MIOR, Luiz Carlos. Agricultura familiar, agroindústria e desenvolvimento territorial. **Colóquio Internacional de Desenvolvimento Rural Sustentável**. Florianópolis, v. 22, 2007.
- MLADENATZ, Gromoslav. **Histórico das doutrinas cooperativistas**. Confedbras: Brasília, 2003. p. 272.
- MOREIRA, Rodrigo Machado; DO CARMO, Maristela Simões. A agroecologia na construção do desenvolvimento rural sustentável. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 2, n. 1, 2007.
- ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS. **OCB**. Disponível em: www.ocb.org.br/o-que-e-cooperativismo. Acesso em: 24 set. 2018.
- ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS. **OCB**. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/desenvolvimento-rural.html>. Acesso em: 24 set. 2018.

PLANO DE DESENVOLVIMENTO RURAL DE CHAPECÓ. Prefeitura Municipal de Chapecó. Secretaria de Desenvolvimento Rural e Meio Ambiente. Santa Catarina. Disponível em:

<https://web.chapeco.sc.gov.br/documentos/?f=/Sedema/Plano%20de%20Desenvolvimento%20Rural.pdf>. Acesso em: 03 maio 2019.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO PARTICIPATIVO. PPP. Escola de Educação Básica Alécio Alexandre Cella. Secretaria do Estado da Educação. Gerência de Educação, Chapecó, 2016.

RADIN, José Carlos; CORAZZA, Gentil. **Dicionário histórico-social do oeste catarinense**. Chapecó: Universidade Federal Fronteira Sul, 2018. Disponível em:

https://www.uffs.edu.br/institucional/reitoria/diretoria_de_comunicacao/editora-uffs/dicionario-historico-social-do-oeste-catarinense. Acesso em: 14 set. 2018.

SCHMIDT, Derli; PERIUS, Vergílio. Cooperativismo – cooperativa. In: CATTANI, Antonio (Org.). **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003, p. 63-71.

SCHNEIDER, José Odelso. Cooperativismo e desenvolvimento sustentável. **Otra economia**, v. 9, n. 16. 2015, p. 94-104.

SCHNEIDER, Sérgio. Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade. **Revista brasileira de ciências sociais**. São Paulo. Vol. 18, n. 51 (fev. 2003). 2003, p. 99-122.

SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO RURAL E MEIO AMBIENTE. Prefeitura Municipal de Chapecó/SC, 2019.

SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE E RECURSOS HÍDRICOS DO PARANÁ.

Disponível em:

<http://www.meioambiente.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=25>. Acesso em: 09 out. 2018.

SECRETARIA ESPECIAL DE AGRICULTURA FAMILIAR E DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. Disponível em:

<http://www.mda.gov.br/sitemda/noticias/o-que-%C3%A9-agricultura-familiar>. Acesso em: 04 nov. 2018.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **SEBRAE**.

Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/como-criar-uma-cooperativa,f3d5438af1c92410VgnVCM100000b272010aRCRD>. Acesso em: 04 nov. 2018.

SEVERINO, Antonio Joaquim – **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atualizada. São Paulo: Cortez, 2007.

SICOOB. **Histórico da Sicoob Máxi Crédito**. Disponível em:

<https://www.maxicredito.coop.br/?p=287>. Acesso em: 09 maio 2019.

SICREDI. **Histórico da Sicredi Alto Uruguai**. Disponível em: http://www.sicredialtouruguai.coop.br/site/sicredi_alto_uruguai_RS-SC_historia.html. Acesso em: 09 maio 2019.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. Unidade 2 – A pesquisa científica. **Métodos de pesquisa**, p. 31-42, 2009.

SINGER, Paul. Economia Solidária. In: CATTANI, Antonio (Org.). **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003. p. 116-125.

SISTEMA DAS COOPERATIVAS DE CRÉDITO RURAL COM INTERAÇÃO SOLIDÁRIA. **CRESOL**. Disponível em: <https://www.cresol.com.br/blog/tudo-que-voce-precisa-saber-sobre-o-pronaf/>. Acesso em: 15 out. 2018.

STROPASOLAS, Valmir Luiz et al. **O mundo rural no horizonte dos jovens: o caso dos filhos (as) de agricultores familiares do Ouro/SC**. 2002.

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos de coleta de dados no campo**. São Paulo: Atlas, 2009.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 14. ed. São Paulo: Atlas, 2013.

WILLIE, Leonardo. **Estratégias de comunicação da Cooperativa Mista dos Agricultores Familiares do Vale do Ipanema (Coopanema) para o desenvolvimento local de Águas Belas–Pernambuco**. 2012.

APÊNDICE

Este formulário destina-se a uma pesquisa de cunho acadêmico, cujo tema se trata do Cooperativismo como Estratégia para o Desenvolvimento da Agricultura Familiar na Comunidade Rural de Colônia Cella de Chapecó-SC.

ROTEIRO DE ENTREVISTA

I – IDENTIFICAÇÃO DOS RESPONDENTES

Nome: _____

Idade: _____

Gênero: _____

Escolaridade: _____

Estado civil: _____

Composição Familiar: _____

Etnia: _____

II- PROPRIEDADE RURAL – AGRICULTURA FAMILIAR

- 1- Qual é a dimensão territorial em hectares que constitui a sua propriedade rural?
- 2- Como a propriedade está organizada em termos de maquinários e instalações?
- 3- Quais são as atividades comerciais produzidas pela família?
- 4- Em qual atividade agrícola advém a maior fonte de renda da família?
- 5- Quem e quantas pessoas trabalham na sua propriedade rural?
- 6- De que maneira ocorre a tomada de decisão familiar?

III- COOPERATIVISMO

- 7- Quais foram os motivos que levaram a associar-se em uma cooperativa? Em quais é associado? Há quantos anos você está associado?
- 8- Quais são os benefícios trazidos ao associar-se em uma cooperativa?
- 9- Em sua opinião, de que maneira a cooperativa tem contribuído para o processo produtivo de sua propriedade? (Cooperativas Agropecuárias).
- 10- Em sua opinião, de que maneira a cooperativa tem contribuído na prestação de serviços a seus associados? (Cooperativas de Crédito).

IV- AGRICULTURA FAMILIAR E O COOPERATIVISMO

- 11- Em sua opinião, de que maneira as cooperativas contribuem para o desenvolvimento da agricultura familiar da comunidade de Colônia Cella?
- 12- De que maneira você vê o modelo cooperativista como uma estratégia para o desenvolvimento da agricultura familiar?